

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE GEOGRAFIA

MARIELE SANTOS DOS ANJOS VAZ

**O CONCEITO DE LUGAR E O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE
GEOGRAFIA:** Prática metodológica com alunos do 6º Ano da EMEF Prof. Darcy Ribeiro,
no município de Marabá/PA

MARABÁ
2018

MARIELE SANTOS DOS ANJOS VAZ

O CONCEITO DE LUGAR E O ESTUDO DO MEIO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: Prática metodológica com alunos do 6º Ano da EMEF Prof. Darcy Ribeiro, no município de Marabá/PA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, para obtenção do Título de licenciado e bacharel em Geografia, pela aluna Mariele Santos dos Anjos Vaz.

Orientador: Prof. Me. Gabriel Barros.

MARABÁ

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

Vaz, Mariele Santos dos Anjos

O conceito de lugar e o estudo do meio no ensino de Geografia: prática metodológica com alunos do 6º Ano da EMEF Prof. Darcy Ribeiro, no município de Marabá/PA / Mariele Santos dos Anjos Vaz ; orientador, Gabriel Renan Neves Barros. — Marabá : [s. n.], 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Geografia, Curso de Licenciatura e Bacharelado em Geografia, Marabá, 2018.

1. Geografia - Estudo e ensino – Marabá (PA). 2. Ensino - Metodologia. 3. Aprendizagem. 4. Estudantes do ensino fundamental. 5. Educação. I. Barros, Gabriel Renan Neves, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.:910.7

BANCA EXAMINADORA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Geografia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, como requisito para obtenção do Título de Licenciatura e Bacharel em Geografia, submetido à seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Me. Gabriel Renan Neves Barros

Prof^a. Dr^a. Élide Pasini Tonetto

Prof. Dr. Marcus Vinícius Mariano de Souza

Conceito

Aos meus filhos Augusto Antenor e Marina simplesmente por existirem e despertarem o melhor de mim. Ao meus pais, Ranolfo e Maria Cleres, e meu marido Romildo por serem meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um dos mais lindos sentimentos. Eu trago em mim muita gratidão quando fala-se na trajetória percorrida até aqui. Foram várias greves e árduos obstáculos nesses mais de cinco anos e para ultrapassá-los sempre tive pessoas especiais ao meu lado, segue então, minha eterna gratidão.

Primeiramente ao meu Deus maravilhoso, que diariamente vive em mim, abençoando e guiando todos os meus passos desde o dia que cheguei ao mundo. Carrego a certeza da mão dele em tudo o que acontece em minha vida, esse início da minha vida profissional não é diferente. Foi ele quem abriu as portas e me deu subsídios e forças para chegar até aqui. Gratidão inclusive pelos obstáculos, pois foram eles que não me deram outra opção, a não ser amadurecer, crescer. E eu cresci! Nossa! Como eu cresci nesses cinco anos e meio. E Deus sabia que se fosse fácil eu não adquiriria a maturidade que adquiri, eu precisava que tudo fosse exatamente como foi.

Gratidão a essa instituição pública que me proporcionou realizar o sonho de uma graduação, de forma gratuita e que me fez amadurecer de uma forma imensurável. Ao longo do curso me foi proporcionado conhecer cidades e adquirir muito conhecimento através do trabalho de campo. Minha eterna gratidão a UNIFESSPA- Universidade Federal do Sul e Suldeste do Pará.

Minha gratidão aos meus pais, Ranolfo Alves dos Anjos e Maria Cleres da Silva Santos, pela dedicação de toda uma vida, que perdura até hoje e se estende aos meus filhos. Gratidão por me ensinarem que caráter e educação não se encontra em faculdade alguma e, mais do que isso, por me ensinarem em casa que a gente pode ser o que quiser, desde que não se esqueça que não se deve jogar espinhos no caminho do outro para fazer do seu florido. Gratidão por sempre fazerem de mim e meus irmãos prioridades em suas vidas, “comendo o pão que o diabo amassou” para nos dar o sustento, que na época sempre achava que era pouco, mas hoje vejo ter sido muito mais do que eles poderiam nos dar. Gratidão aos meus irmãos: Raniele, Thais, Mateus e Victor, por sempre se mostrarem parceiros quando eu precisei.

Gratidão aos meus filhos, Augusto Antenor e Marina, que mesmo tão pequenos fazem-se o meu maior estímulo para chegar até aqui. E eles nem precisaram fazer nada para isso, a não ser existir, pois por duas vezes engravidei na graduação e por duas vezes muitos acreditaram que eles seriam um empecilho para eu continuar, porém o efeito foi totalmente contrário ao que imaginara. Eles despertaram cada vez mais a vontade de seguir em frente, ou melhor, a obrigação, pois sempre pensei que quando eles crescessem não poderiam acreditar que foram eles os motivos de eu não conseguir uma formação acadêmica.

Quero lhes dizer que é por vocês e mesmo com todos os sacrifícios - como deixar o meu pequeno Augusto Antenor com apenas 30 dias longe da mamãe ou ir para a faculdade com enjoo, fraca e uma enorme vontade de somente cuspir quando grávida da Marina. E mesmo por duas vezes fazer o percurso entre casa e a UNIFESSPA de moto com o barrigão. Mamãe faria tudo de novo porque vocês merecem o melhor de mim.

Gratidão ao meu mais que marido, parceiro e maior incentivador nessa jornada. Desde o início, antes mesmo de ingressar na universidade, sempre me incentivou a fugir da mediocridade e procurar ser melhor a cada dia. Gratidão por abrir mão dos seus próprios sonhos para que eu pudesse realizar o meu e concluir essa jornada. Gratidão por tantas vezes segurar a barra sozinho e sempre entender minhas ausências e cuidar sozinho do nosso primogênito.

Gratidão por investir nos meus sonhos os seus últimos trocados... (risos)! E por sempre se mostrar capaz de abdicar de tudo que fosse preciso para segurar na minha mão e me levantar, quando por várias vezes eu pensei em desistir, por várias vezes eu tive medo de deixar Augusto com uma febre ou quando ele passou 12 dias internado na UTI, eu seriamente pensei em desistir para cuidar dele. Ou quando me vi grávida pela segunda vez, mais uma vez pensei em desistir por medo de não dar conta e cansada em ter que ir para a faculdade fraca e com enjoo.

Você sempre me mostrou que eu era capaz e acreditou em mim quando nem mesmo eu acreditava, mais que isso, me deu subsídios para continuar. Por isso e muitos outros sacrifícios que só nós dois conhecemos, afirmo que essa conquista é nossa.

Gratidão ao meu orientador Gabriel Barros que sempre se mostrou muito compreensivo e paciente com a dinâmica da minha vida e não mediu esforços para me ajudar, muitas vezes mais do que deveria. O meu muito obrigado, minha eterna admiração à pessoa Gabriel Barros. Obrigada, de coração.

À minha turma Geografia 2012 que mesmo com grupinhos bem definidos sempre se mostrou unida nas horas necessárias, fazendo essa jornada árdua um pouco mais divertida e leve. Agradecimento às minhas amigas que se tornaram presentes não somente na minha vida acadêmica, mas na minha vida pessoal, nos momentos mais importantes, como a chegada dos meus pequenos. Costumo dizer que vocês são os maiores presentes que a Geografia me deu: Lorena, Andrea, Aline e Aubrey, amizade para a vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral, através do conceito de lugar e o estudo do meio no Ensino de Geografia, desenvolver no aluno a construção de um olhar crítico ao analisar a realidade do seu lugar de vivência, conseguindo apreender fatos que passam despercebidos na banalidade do dia a dia, considerando a historicidade e suas consequências na atualidade, fundamentando o lugar como um processo inacabado e reconhecendo-se como agente ativo nesse processo. É importante destacar esse papel da Geografia, como uma das principais responsáveis em desenvolver um processo de ensino de aprendizagem que proporcione ao aluno analisar a realidade à sua volta de forma crítica. O conceito de lugar tem um papel importante nesse processo, a partir do momento que o aluno conhece o contexto histórico do seu lugar ele pode reconhecer-se ali e tomar consciência da sua importância como agente ativo na construção do seu lugar. O estudo do meio proporciona a esses alunos a oportunidade de vivenciar de forma coletiva, através do trabalho de campo pelos lugares que remetem à história do seu lugar, no caso aqui apresentado, Marabá (PA). Abordagem de um referencial teórico sobre o conceito lugar e a metodologia do estudo do meio; planejamento e execução do trabalho de campo a fim de abordar o conceito de lugar; e a realização e sistematização do trabalho de campo, na busca de despertar nos alunos importância de se considerar a historicidade do seu lugar; esses são os objetivos específicos desse trabalho. A metodologia do trabalho entende-se como uma análise bibliográfica seguida de estudo de caso com os alunos.

Palavras-chave: Lugar, Estudo do Meio, Ensino de Geografia, Educação Básica

ABSTRACT

This work has as general objective through the concept of place and the environment study the teaching of geography develop in the student the construction of a critical analyzing the reality of their place of living obtaining facts that go unnoticed in the day-to-day, considering historicity and probabilities today grounding the process as an inaccessible process and recognizing itself as a production to this process. The concept of place is a very important process from a moment in which the individual knows the historical context of his place he can recognize and become aware of his capacity as an active agent in the construction of his place. The teaching of the environment gives students an opportunity to experience the community through the fieldwork of places that refer to the history of their place in this case presented here, in Marabá (PA). Approach of a theoretical reference on the concept of place and the methodology of the study of the environment; planning and execution of field work to address the concept of place; and the accomplishment and systematization of the fieldwork, in the search of awakening in the students importance of considering the historicity of its place; these are the specific objectives of this work. The work methodology is understood as a bibliographic analysis followed by a case study with the students.

Keywords: Place, Environment Study, Geography Study, Basic Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Marabá	44
Figura 2: Localização da Escola Prof. Darcy Ribeiro	47
Figura 3: Destaque dos pontos visitados	48
Figura 4: Visita Prévia no pontal	49
Figura 5: Durante a visita prévia no Residencial do Cabelo Seco	50
Figura 6: Explicação aos alunos no primeiro ponto (pontal)	53
Figura 7: Alunos registrando em fotos o pontal	54
Figura 8: Imagem de Francisco Coelho no Cabelo Seco	57
Figura 9: Alunos ouvindo a explicação sobre o Cabelo Seco	57
Figura 10: Explicando no Cabelo Seco	59
Figura 11: Professora de História que participou do trabalho de campo.....	60
Figura 12: Explicação sobre o Estádio Zinho Oliveira	61
Figura 13: Professores e alunos no interior do estádio Zinho Oliveira	62
Figura 14: Aluna explicando sobre o aquário que existia no Coreto	64
Figura 15: Senhor falando para os alunos sobre suas memórias.....	65
Figura 16: Alunos atentos aos saberes populares	65
Figura 17: Alunos no interior da Biblioteca Orlando Lobo	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
– Metodologia do Trabalho	14
1 - O CONCEITO DE LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA	17
1.1 – A importância de abordar global e local no ensino aprendizagem	27
2 - O ESTUDO DO MEIO COMO PROPOSTA METODOLÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA	33
2.1 – A importância do planejamento do estudo de meio	35
2.2 – Como realizar a pesquisa de campo	40
2.3 – Metodologia do Trabalho	42
3 - O “LUGAR” DA PESQUISA	44
3.1 – Realizando a visita de campo	51
3.2 - Materialização do trabalho de campo	68
4. CONCLUSÃO	70
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

A Geografia tem um papel importante quando se fala no desenvolvimento de ensino aprendizagem que proporcione ao aluno analisar a realidade à sua volta de forma crítica e a forma como o aluno olha esta realidade - que a priori pareça banal - faz-se essencial nesse processo.

Para isso desenvolve-se nesse trabalho a análise de lugares da Marabá Pioneira, como lugar que carrega vestígios em monumentos e prédios antigos que contam a história da cidade e se fazem importantes hoje em dia no processo de conhecer para poder se reconhecer como agente ativo na construção desse lugar.

Neste sentido, o Estudo do Meio é essencial nesse processo, pois é através dele que os alunos serão postos a conhecer a historicidade de seu lugar, para assim reconhecer-se e tomar consciência do lugar enquanto inacabado e produzido diariamente ao longo dos anos.

Para Santos (2006), o lugar é visto como funcionalidade do mundo, sendo por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente. O conceito, portanto, nos possibilita apreender e compreender a realidade, pois o lugar é uma referência pragmática do mundo. Faz-se importante então uma abordagem referencial teórica sobre o conceito no desenvolvimento do trabalho. Para conseguir apreender essa realidade faz-se necessário também uma abordagem sobre os Estudo do Meio que será a metodologia utilizada para compreensão do conceito de lugar pelos alunos do sexto do ensino Fundamental II, da EMEF Prof. Darcy Ribeiro.

Para Carlos (2007), a história que se realiza no cotidiano instala-se no plano do vivido e produz o conhecido-reconhecido, ou seja, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhes são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo.

Devido à necessidade de um conhecimento prévio sobre o conceito, escolheu-se uma turma de sexto ano para o desenvolvimento do trabalho. As ações foram realizadas junto a

21 alunos da EMEF Prof. Darcy Ribeiro, buscando possibilitar aos alunos um contato com os lugares que contam a história do surgimento da cidade e perduram cheios de vida, ou melhor, com modo de vida específico, ainda nos dias de hoje. Assim, os alunos poderão desenvolver a consciência crítica ao analisar sua realidade.

É nesse sentido que se pretende desenvolver essa pesquisa, realizando com os alunos um estudo do bairro pioneiro da cidade, por meio de trabalho de campo, que foi uma das etapas do estudo do meio, considerando o contexto histórico e analisando a realidade atual do lugar como uma consequência da história, considerando que a história dos lugares se faz importante, pois o lugar é o acúmulo da forma com que as pessoas fazem esse lugar. Cabe ao aluno, adquirindo consciência de que faz parte desse processo, construir o lugar que quer para seus descendentes, o lugar que terá no futuro será uma consequência do modo como o faz hoje.

Portanto, o objetivo principal é justamente fazer desenvolver no aluno a construção de um olhar crítico ao analisar a realidade do seu lugar de vivência, conseguindo apreender fatos que passam despercebidos na banalidade do dia a dia, considerando a historicidade e suas consequências na atualidade, fundamentando o lugar como um processo inacabado e reconhecendo-se como agente ativo nesse processo.

Para alcançar o objetivo principal, faz-se necessária abordagem de um referencial teórico sobre o conceito lugar e a metodologia do estudo do meio; planejamento e execução do trabalho de campo a fim de abordar o conceito de lugar; e realização e sistematização do trabalho de campo, na busca de despertar nos alunos importância de se considerar a historicidade do seu lugar. Após o referencial teórico, faz-se essencial a visita prévia ao local escolhido e o planejamento do trabalho de campo. E, por fim, durante a realização do trabalho de campo que é parte final desse trabalho faz-se uma análise com os alunos sobre despertar neles a importância de se considerar a historicidade do seu lugar, para se reconhecer e tornar-se agente ativo no processo de construção do lugar, conhecendo sobre seu lugar e o reconhecendo-o com sua identidade. A eles cabe manter viva a historicidade de seu lugar para que as gerações futuras também possam reconhecer-se e criar identidade e afetividade com o mesmo.

Portanto, a metodologia do trabalho entende-se como uma análise bibliográfica seguida de estudo de caso com os alunos. Que busca contribuir não apenas para o desenvolvimento dos conhecimentos por parte dos alunos quanto a esse processo de ensino aprendizagem como também apresentar-lhes um conjunto conhecimentos relativos a uma metodologia de aprendizagem específica e diferenciada do cotidiano normal das nossas salas de aula, como é o caso do estudo do meio através do trabalho de campo.

Para tal, o trabalho encontra-se dividido em três capítulos, o primeiro apresentando as várias vertentes e visões do “Lugar”, o segundo abordando o estudo do meio e a importância do método na contribuição para esse trabalho. O terceiro tratando da pesquisa de campo em si. Com esse passo a passo descrito acima pretende-se alcançar os objetivos propostos e despertar aos alunos um olhar crítico ao analisar a realidade do seu lugar, que a priori pareça banal.

– Metodologia do Trabalho

Para a realização desse trabalho a priori fez-se necessário uma vasta revisão bibliográfica em relação ao conceito de lugar e à metodologia do Estudo do Meio. dada a importância do referencial teórico para o desenvolvimento de trabalho científico.

Em seguida, a escolha da turma, levando em consideração o prévio conhecimento dos alunos sobre o conceito de lugar, já que os mesmos se encontram no sexto ano do fundamental maior e até essa série, por diversas vezes, tiveram contato com o conceito, inclusive com as professoras do fundamental menor.

Com a turma de sexto ano definida, surgiu a necessidade em pensar lugares para a realização do trabalho de campo que viesse a cumprir os objetivos propostos de fazer o aluno reconhecer-se como agente ativo na construção do seu lugar, considerando a importância da historicidade nesse processo. Então foram selecionados lugares da Marabá Pioneira, em sua maioria tombados como patrimônios históricos, que nos remetessem ao surgimento do lugar que viria a ser o município.

Para a realização de um trabalho de campo, com segurança e com uma prévia do tempo necessário para concluir o percurso, foi feita uma visita prévia nos locais escolhidos.

Esta visita é de extrema importância, principalmente quando o trabalho de campo é realizado com alunos menores de idades e o professor é o único responsável pela integridade física deles.

Considerando esses aspectos, a visita prévia foi realizada no horário da tarde, nas mesmas condições que o trabalho com os alunos seria realizado, justamente para conseguir prever o máximo de situações e intempéries que os alunos encontrariam.

Antes do trabalho de campo, os alunos foram orientados a levarem água, lanche, protetor solar, boné e usarem tênis. A intenção era obter melhor comodidade durante o percurso, considerando também o sol à pino.

O próximo passo foi a realização do trabalho de campo e, durante o mesmo, verificou-se o entusiasmo dos alunos e, como esperado, o acontecimento de fatos não previstos, como o cansaço decorrente da temperatura no dia do trabalho de campo estar bastante alta, tornando o percurso um pouco exaustivo. Foi necessário deixar de visitar lugares escolhidos, como o residencial do Cabelo Seco e a Orla, anteriormente programados para o trabalho de campo e analisados na visita prévia.

1 - O CONCEITO DE LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia tem como base cinco conceitos, dentre elas a de "Lugar" que será a base desse estudo, sendo esta de extrema importância no ensino escolar de Geografia do ensino básico. Faz-se necessário então, discorrer sobre o conceito. Dada a importância do conceito no ensino Escolar de Geografia e no desenvolvimento desse trabalho procura-se desenvolver nesse capítulo suas várias vertentes e visões, já que o mesmo será a base dessa pesquisa.

Santos (2006) nos ensina que cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Assim, o conceito de lugar apoderou-se de inúmeras interpretações, tendo sempre a necessidade de adjetivá-lo: lugar da existência, da coexistência, da co-presença, da solidariedade, do acontecer solidário, da dimensão do espaço cotidiano, do singular e do subjetivo.

Por outro lado, não dissociado, o lugar conforma o aprofundamento da divisão territorial do trabalho e da especialização dos lugares, atendendo às exigências de produção e circulação do modo-de-produção capitalista atual. Com as densidades técnicas, informacional e comunicacional dos lugares compreende-se a hibridez do particular e do mundo através das solidariedades: orgânicas, organizacional e institucional, caracterizando a dialética lugar-mundo.

“E, num determinado lugar, não há técnicas isoladas, de tal que o efeito de idade de uma delas é sempre condicionado pelo das outras. O que há num determinado lugar é a operação simultânea de várias técnicas, por exemplo, técnicas agrícolas, industriais, de transporte, comércio ou marketing, técnicas que são diferentes segundo os produtos e qualitativamente diferentes para um mesmo produto, segundo as respectivas formas de produção. Essas técnicas particulares, essas "técnicas industriais", são manejadas por grupos sociais portadores de técnicas socioculturais diversas e se dão sobre um território que, ele próprio, em sua constituição material, é diverso, do ponto de vista técnico. São todas essas técnicas, incluindo as técnicas da vida, que nos dão a estrutura de um lugar (SANTOS, 2006, p. 26).

Percebe-se então a dinamicidade do conceito, com a visão de um único autor. Milton Santos (2005) é referência e a forma com que trata o conceito se faz importante para reflexão e desenvolvimento da pesquisa. Como o próprio diz, cada lugar é dotado de historicidade e se faz diariamente, seja através das técnicas implantadas no mesmo, que nos dão a estrutura de um lugar; ou através da dicotomia lugar global, lugar local.

O nível global e o nível local do acontecer são conjuntamente essenciais ao entendimento do Mundo e do Lugar. Mas o acontecer local é referido (em última instância) ao acontecer mundial. Desde o nascimento, o acontecimento se inclui num sistema para o qual atrai o objeto que ele acabou de habitar. O acontecimento é a cristalização de um momento da totalidade em processo de totalização. Isso quer dizer que outros acontecimentos, levados pelo mesmo movimento, se inserem em outros objetos no mesmo momento. Em conjunto, esses acontecimentos reproduzem a totalidade; por isso são complementares e se explicam entre si. Cada evento é um fruto do Mundo e do Lugar ao mesmo tempo (SANTOS, 2006, p.108).

Essa visão e análise do lugar global e local é relativamente recente, surge junto com a globalização, onde as coisas, ou melhor, os fixos e os fluxos, segundo Santos (2006) ocorre em várias partes do mundo simultaneamente. Esse processo faz-se no mundo globalizado atual, com um mundo cada vez mais homogeneizado, disseminando as mesmas culturas, usando os mesmos produtos, ouvindo as mesmas músicas, enfim, disseminando o mesmo padrão de vida, como poder-se-ia falar em singularidade? Em lugar local?

“A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política. Há uma tendência a separar uma coisa da outra. Daí muitas interpretações da história a partir das técnicas. E, por outro lado, interpretações da história a partir da política. Na realidade, nunca houve na história humana separação entre as duas coisas. As técnicas são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso. É isso que fez a história” (SANTOS, 2006, p.24).

Conforme Santos (2006), outros fatores que também contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica; a convergência dos momentos; a cognoscibilidade do planeta; e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada. Um mercado global utilizando esse sistema de técnicas avançadas resulta nessa globalização perversa. Isso poderia ser diferente se seu uso político fosse outro. Esse é o debate central, o único que nos permite ter a esperança de utilizar o sistema técnico contemporâneo a partir de outras formas de ação.

Da mesma forma, como se diz, hoje, que o tempo apagou o espaço, também se afirma, nas mesmas condições, que a expansão do capital hegemônico em todo o planeta teria eliminado as diferenciações regionais e, até mesmo, proibido de prosseguir pensando que a região existe. Quanto a nós, ao contrário, pensamos que: em primeiro lugar, o tempo acelerado, acentuando a diferenciação dos eventos, aumenta a diferenciação dos lugares; em segundo lugar, já que o espaço se torna mundial, o ecúmeno se redefine, com a extensão a todo ele do fenômeno de região (SANTOS, 2006, p. 165).

Devido essa visão do mundo globalizado, fala-se inclusive na guerra dos lugares, onde os mesmos competem entre si para atrair os meios de produção e manter-se fortes, sustenta-se no perverso sistema capitalista. Tal fato, essa disputa entre os lugares, é um fator essencial quando se fala nas características da globalização atual.

“A luta pelo uso do espaço coloca em posição ativa as empresas gigantes e reserva às demais uma posição passiva, subordinada. Essa é uma situação de conflito, a ser mantida, atenuada, suprimida, segundo as circunstâncias, mas, em todo caso, reguladora. O "mundo" não dispõe dos respectivos instrumentos de regulação, o que constitui tarefa do poder nacional e dos poderes locais, nos seus diversos níveis” (SANTOS, 2006, p. 227)

Mas enquanto no "mundo" só o que se cogita é o global, nos territórios nacionais tudo conta. Empresas e instituições dos mais diversos níveis, não só empresas gigantes, convivem no conflito. Convivência necessária, conflito inevitável. Quanto mais desigual a sociedade e a economia, tanto maior o conflito. É o caso dos países subdesenvolvidos, sobretudo em suas grandes cidades. Mas em todos os casos há conflitos reclamando regulação, isto é, produção de normas. Mesmo quando não podem atenuar ou suplantam as normas globais, as normas territorializadas enfrentam o mundo, mesmo quando, aparentemente, colam aos interesses globais.

Santos (2006) afirma que desse modo se associam e se defrontam normas e formas, compondo duas situações extremas, uma ação globalizada como norma, um território local como norma e uma variedade de situações intermediárias. Não existe um espaço global, mas apenas espaços da globalização. O mundo se dá, sobretudo, como norma, ensejando a espacialização, em diversos pontos, dos seus vetores técnicos, informacionais, econômicos, sociais, políticos e culturais. Em todos os casos há combinações diferentes de normas e formas. No caso do Mundo, a forma é sobretudo norma, no caso do Lugar, a norma é sobretudo forma. Em todos os casos há combinações diferentes de normas e formas.

“A ordem global funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano. Seus parâmetros são a razão técnica e operacional, o cálculo de função, a linguagem matemática. A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade” (SANTOS, 2006, p. 231).

Santos (2006) diz que os novos subespaços não são igualmente capazes de rentabilizar uma produção. É inegável que os lugares diferenciam entre si, tanto físico, como socialmente, culturalmente. Cada um carrega uma característica específica para atrair o mercado e as características físicas, por exemplo, são de extrema importância, como clima, solo, etc. Não se pode, entretanto, desprezar as características sociais, como mão de obra barata. Além das características inerentes a cada um, os mesmos procuram moldar suas características de acordo com as necessidades do mercado para atraí-lo.

Os lugares se distinguem pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos. Essa rentabilidade é maior ou menor, em virtude das condições locais de ordem técnica (equipamentos, infra-estrutura, acessibilidade) e organizacional (leis locais, impostos, relações trabalhistas, tradição laboral). Essa eficácia mercantil não é um dado absoluto do lugar, mas se refere a um determinado produto e não a um produto qualquer (SANTOS, 2006, p.166).

Carlos (2007) não nega a análise de Santos (2006) sobre o conceito, no sentido, segundo ela, de considerar o lugar como definido a partir da densidade técnica (que tipo de técnica está presente na configuração atual do território), a densidade informacional (que chega ao lugar tecnicamente estabelecido), a ideia da densidade comunicacional (as pessoas interagindo) e também em função de uma densidade normativa (o papel das normas em cada lugar como definitorio). A esta definição seria preciso acrescentar a dimensão do tempo em cada lugar que poderia ser visto através do evento no presente e no passado.

Para ela, dever-se-ia acrescentar além disso a dimensão da história que se realiza no cotidiano, instala-se no plano do vivido e que produziria o conhecido-reconhecido, isto é, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhes são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, ou seja, o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo.

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante - identidade - lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, pg.11).

O geógrafo Humanista Tuan considera o conceito de lugar compartilhado tanto a localização como o meio ambiente físico. Para ele, o lugar é parte essencial da identidade, como sujeitos, é segurança, é também a liberdade que se sente quando se apega ao lugar.

O lugar é o espaço que se torna familiar às pessoas, consiste no espaço vivido da experiência. Como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano é uma tarefa para o geógrafo humanista “sic”, para tanto, ele apela a interesses distintamente humanísticos como a natureza da experiência, a qualidade de ligação emocional dos objetos físicos as funções dos conceitos e símbolos na criação de identidade do lugar (TUAN, 1982, apud HOLZER, 1999).

Para Tuan (1982), todos os lugares são pequenos mundos. O sentido de mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível de relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos, para criar lugares, depende em última análise das emoções. São as emoções que norteiam essa relação íntima de cada um com seu lugar. Em relação à importância do lugar para o estudo da Geografia, deve-se ainda considerar dois de seus componentes fundamentais: a identidade e a estabilidade. O primeiro refere-se ao espírito, ao sentimento do lugar, ou seja, à topofilia, ao lugar.

Essa questão dá-se devido à identidade. Com a cidade acontece, na verdade, no plano da vida e do indivíduo, valorizar o modo de vida, a afetividade do indivíduo com esse lugar. Por mais que o mundo pareça cada vez mais homogeneizado, essas características intimistas ainda prevalecem.

É nesse sentido que se desenvolveu essa pesquisa. É através do conceito que foi desenvolvido com os alunos um estudo do bairro pioneiro da cidade, realizando-se trabalho de campo, considerando o contexto histórico e analisando a realidade atual do lugar como uma consequência da história.

Vai além disso, ou melhor, o lugar é justamente o que ele é, não é algo platônico, é real, do jeito de cada um, com particularidades que o identificam e o diferem dos demais. É de suma importância que os alunos se conscientizem disso, pois o ensino de Geografia em si tem como um dos objetivos formar cidadãos críticos. É importante que o conhecimento vá além da sala de aula.

Carlos (2007) nos fala da tríade cidadão-identidade-lugar, destaca a necessidade de considerar o corpo como sendo algo que nos dá acesso ao mundo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço, agimos através do corpo. Para ele, no corpo se reflete, imediato visto pela sociedade, como fonte e suporte de toda cultura. Modos de aproximação da realidade, produto modificado pela experiência do meio, da relação com o mundo, relação múltipla de sensação e de ação, mas também de desejo e, por consequência, de identificação com a projeção sobre o outro. Abre-se aqui a perspectiva da análise do vivido através do uso, pelo corpo.

O corpo, a forma como os habitantes usam o lugar, ligam o lugar de domicílio, trabalho e lazer, isso não é necessariamente ruim, o importante é que essas mediações espaciais são ordenadas segundo as propriedades do tempo vivido.

Enfim o ato de caminhar é intermediário e parece banal — é uma prática preciosa porque pouco ocultada pelas representações abstratas; ela deixa ver como a vida do habitante é petrificada de sensações muito imediatas e de ações interrompidas. São as relações que criam o sentido dos “lugares” da metrópole. Isto porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso (CARLOS, 2007, p. 12).

Fica cada vez mais nítida a complexidade do conceito. Entretanto, a intenção é contrária, ou seja, construir de forma dialética com o aluno, um conhecimento de forma simples, com linguajar acessível, que desmistifique essa complexidade, fazendo com que o aluno a veja de forma natural ao seu dia a dia, sendo ele agente importante na construção desse lugar.

Para José de Souza Martins “a história local é a história da particularidade embora ela se determine pelos componentes universais da história. Isto é, embora na escala local raramente sejam visíveis as formas e conteúdos dos grandes processos históricos, ele ganha sentido por meio deles quase sempre ocultos e invisíveis (...) é no âmbito do local que a história é vivida e é onde pois tem sentido”. É preciso levar em conta que a história tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, no modo de vida, no relacionamento com o outro, entre estes e o lugar, no uso (CARLOS, 2007, p. 14).

Santos (2006) nos fala também da importância da história nesse processo, tratando das mesmas leis gerais de evolução, onde o tempo empiricizado entra como condição de possibilidade e a entidade geográfica preexistente entra como condição de oportunidade. A

cada temporalização prática corresponde uma espacialização prática, que desrespeita as solidariedades e os limites anteriores e cria novos.

A cada momento histórico, tais recursos são distribuídos de diferentes maneiras e localmente combinados, o que acarreta uma diferenciação no interior do espaço total e confere a cada região ou lugar sua especificidade e definição particular. Sua significação é dada pela totalidade de recursos e muda conforme o movimento histórico (SANTOS, 2006, p.165).

A história dos lugares se faz importante, pois o lugar é o acúmulo da forma com que as pessoas fazem esse lugar. O aluno tendo consciência de que faz parte desse processo, que cabe a ele construir o lugar que quer para seus descendentes, o lugar que terá no futuro será uma consequência do modo como o faz hoje.

Desse modo, o conhecimento se torna mais agradável e propício à formação de cidadãos conscientes de seu papel para, inclusive, mudar a realidade em que vivem, caso queiram isso. Os conceitos geográficos ou qualquer que seja o conhecimento introduzido não pode ser apresentado como algo somente teórico e longe da sua realidade. E em relação a qualquer que seja o conhecimento introduzido ao aluno, ele precisa principalmente se ver naquela teoria e levá-la para sua vida.

“As novas formas urbanas e os modos de apropriação do lugar aparecem no miúdo, no banal, no familiar, refletindo e explicando as transformações ou a sociedade urbana que se constitui nesse final de século. O lugar aparece como um desafio à análise do mundo moderno exigindo um esforço analítico, muito grande que tente abordá-lo em sua multiplicidade de formas e conteúdos, em sua dinâmica histórica” (CARLOS, 2007, p. 14).

Carlos (2007) traz a necessidade de se repensar a identidade do lugar cada vez mais dependente e construída no plano do mundial, fazendo com que, hoje, a história do lugar passe cada vez mais pela história compartilhada que se produz além dos limites físicos do lugar, isto é, de sua situação específica. Assim, a situação muda na trama relativa das relações que ele estabelece com os outros lugares no processo em curso de globalização, que altera a situação dos lugares porque relativiza o sentido da localização.

A dualidade global, local, é sempre recorrente e não é difícil perceber que uma não anula a outra, ao contrário, se completam já que o global se faz no local e o local produz o global, através do modo com que as pessoas usam o meio técnico inerente à globalização.

Os espaços da globalização apresentam cargas diferentes de conteúdo técnico, de conteúdo informacional, de conteúdo comunicacional. Os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, atributos que se interpenetram e cuja fusão os caracteriza e distingue. Tais categorias podem, facilmente, ser identificadas na realidade empírica (SANTOS, 2007, p. 173).

Massey (2000) destaca a questão tempo-espaço. Para ela, a Geografia das relações sociais está mudando, essas relações estendem-se cada vez mais pelo espaço. As relações políticas, econômicas e socioculturais, cada qual cheia de poder e com estrutura interna de dominação e subordinação, estendem-se pelo planeta em todos e diferentes níveis, da família à real, local e até internacional.

É dessa perspectiva que se torna possível imaginar uma interpretação alternativa de lugar. Nessa interpretação o que dá um lugar sua especificidade não é uma história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constrói a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num locus particular (MASSEY, 2000, p.184).

Como dito, esse conceito é um tanto complexa e várias são as abordagens sobre ela, como a questão de considerar a historicidade, o que para alguns é essencial já para outros nem tanto. Isso não quer dizer que um está certo e outro errado, de certa forma é até bom, pois amplia as várias possibilidades do conceito ser trabalhada, dependendo do interesse de cada um.

O mundo aparece como primeira totalidade, empiricizada por intermédio das redes. É a grande novidade do nosso tempo, essa produção de uma totalidade não apenas concreta, mas, também, empírica. A segunda totalidade é o território, um país e um Estado - uma formação socioespacial -, totalidade resultante de um contrato e limitada por fronteiras. Mas a mundialização das redes enfraquece as fronteiras e compromete o contrato, mesmo se ainda restam aos estados numerosas formas de regulação e controle das redes. O lugar é a terceira totalidade, onde fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças a ocorrência, na contiguidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade e num acontecer repetitivo, que não exclui a surpresa (SANTOS, 2007, p.182).

Apesar de ter ficado claro que inúmeras são as abordagens do conceito, se faz importante destacar essa fala de uma das maiores referências geográficas. Santos (2006) nos traz a ideia de que é no lugar que o mundo acontece, é nele que os fragmentos da rede que ganham uma dimensão única e socialmente concreta. São os fenômenos sociais que fazem esse lugar ter suas especificidades, são essas especificidades que pretende-se apresentar aos

alunos do sexto ano da EMEF Prof. Darcy Ribeiro, considerando os pontos que caracterizam o surgimento da cidade de Marabá.

Santos (2006), em uma das partes da obra intitulada “A natureza do Espaço”, na parte que ele chama de “A força do Lugar”, cita que a metáfora proposta por Pascal¹ parece ter ganho realidade: “o universo visto como uma esfera infinita, cujo centro está em toda parte”. Também afirma que o mesmo se poderia dizer daquela frase de Tolstói², tantas vezes repetidas, segundo a qual, para ser universal, basta falar de sua aldeia.

Como nos lembra Michel Serres, “[...] nossa relação com o mundo mudou. Antes, ela era local-local; agora é local-global [...]”. Recorda esse filósofo, utilizando um argumento aproximativamente geográfico, que “hoje, temos uma nova relação com o mundo, porque o vemos por inteiro. Através dos satélites, temos imagens da Terra absolutamente inteira” (SANTOS, 2006, p.212).

Para ele, a globalização e suas particularidades dá ao conceito lugar uma nova forma de análise. Desse ponto de vista os lugares podem ser vistos como um intermédio entre o mundo e o indivíduo, a lógica do desenvolvimento dos sistemas sociais se manifesta pela unidade das tendências opostas à individualidade e à globalidade.

Santos (2006) diz que essa é uma realidade complexa e tensa, onde um dinamismo vai se recriando e, assim, surge uma relação permanentemente instável, onde globalização e localização e a globalização e fragmentação são termos de uma dialética que se refaz com frequência. As próprias necessidades do capitalismo levam a uma maior dissociação dos respectivos processos e subprocessos, essa multiplicidade de ações fazendo do espaço um campo e forças multi complexo, graças à individualização e especialização minuciosa dos elementos do espaço, como homens, empresas, instituições, meio ambiente construído, ao mesmo tempo em que se aprofunda a relação de cada qual com o sistema do mundo.

Fica claro, então, que cada lugar carrega um pouco do mundo sem assim deixar de ser singular. Cada um carrega em si particularidades que a globalização com suas características de homogeneização não consegue acabar, tendo que, inclusive, algumas vezes se adequar às características típicas de lugares.

¹ Blaise Pascal (1623-1662) foi físico, matemático, filósofo e teólogo francês, responsável por formular a Teoria das Probabilidades.

² Liev Tolstói (1828-1910) foi um escritor russo, autor, dentre outros, dos romances conhecido pelos romances Guerra e Paz e Anna Karenina

É a esse fenómeno que G. Benko (1990, p. 65) denomina "glocalidade", chamando a atenção para as dificuldades do seu tratamento teórico. Para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte. Também devemos evitar o "risco de nos perder em uma simplificação cega", a partir de uma noção de particularidade que apenas leve em conta "os fenómenos gerais dominados pelas forças sociais globais" (GEORGES BENKO, 1990, p. 65, apud SANTOS, 2006, p. 213).

Por isso, é de extrema importância enfatizar e procurar destacar cada vez mais as particularidades de cada lugar, para quem nele viva consiga se ver através da história que se traduz nas paisagens de cada bairro, de cada rua, de cada lugar. Além disso, conscientizar os alunos que o futuro de seus lugares depende do modo com que eles vivem e produzem ele hoje.

A consciência primeiramente de o que é lugar e de como ele se produz e representa pode fazer com que os alunos passem a olhar seu lugar de forma crítica, mas ao mesmo tempo desenvolva pelo mesmo afeto e identidade, necessários inclusive para a resistência das singularidades que fazem do lugar particular. Isso porque quem faz o lugar são as pessoas que nele vivem, conseqüentemente alunos que desenvolvam essa consciência farão seus lugares melhores, ou saberão como lutar por isso.

“A identidade, no plano do vivido, vincula-se ao conhecido-reconhecido. A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ou de formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feita de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos. Significa para quem aí mora “olhar a paisagem e saber tudo de cor” porque diz respeito à vida e seu sentido, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo — essa a diferença entre lugares e não-lugares” (CARLOS, 2007, p. 67).

Essa acumulação cultural a qual os lugares carregam em suas histórias e seu processo de construção, refletidos e concretizados na paisagem, se fazem necessários para que o mundo tenha consciência que existe sim lugares e que cada um carrega em si marcas desse processo de acumulação que, como o próprio nome diz, pode ser analisado nas marcas deixadas em suas paisagens, refletindo inclusive especificidades desse bairro, rua, lugar.

Nesse contexto, a idéia de lugar único se recicla, pois todos os lugares se articulam aos demais e a sociedade se mundializa e se faz presente em cada lugar. Se a localização concreta do lugar lhe dá materialidade específica, sua existência pontual não exclui o mundial (CARLOS, 2007, p. 24).

Fortalece-se, então, a ideia de que a globalização não exclui o conceito lugar, pelo contrário, elas podem se articular e até se completam. Considera-se, entretanto, a constante reciclagem do local e global, vez que um não anula o outro, ambos fazem a globalização se disseminar e fortalecer a cada dia.

Carlos (2007) faz referência à teoria do fixos e fluxos de Santos (2006) para exemplificar sua ideia de que a sociedade se mundializa e se faz presente em cada lugar. Para ela, o mundial é aquele das redes de fluxos, das interrelações pelos satélites dando um novo sentido para o espaço e para o tempo. Nova velocidade fruto da revolução técnica e do desenvolvimento da informática, das super highways, produto do desenvolvimento do binômio indústria-tecnologia que torna mais flexível a localização e que requer a reconstituição dos lugares.

“Assim o processo de valorização-desvalorização dos lugares depende de sua situação enquanto ponto estratégico dentro do sistema de reprodução ampliada das relações sociais enquanto lugares estratégicos controlados por estruturas que permitem ao sistema mundial se manter e reproduzir. A sociedade urbana caminha de forma inexorável à sua realização global e a informação e as redes são fatores importantes nesse processo. Um lugar contém sempre o global é específico e mundial, articula-se a uma rede de lugares”. (CARLOS, 2007, p. 74)

Por isso a importância de, ao discutir o conceito com os alunos, apresentar de forma clara a questão da globalização, local e global, de maneira mais acessível possível, ao que se trata de alunos de sexto ano do ensino fundamental, entre 10 e 12 anos, geralmente, pois é um assunto um tanto complexo, podendo se tornar confuso às crianças, caso não haja esse cuidado.

A diferenciação entre os lugares aparece como produto da especialização e da divisão espacial e social do trabalho onde as parcelas particulares participam de modo diferenciado da reprodução do sistema. Daí o sentido da planificação. As diferenciações espaciais — cada lugar com sua posição e atributos sociais, econômicos, culturais, físicos — produz uma gama de valores, logo de situações (CARLOS, 2007, p.26)

1.1 – A importância de abordar global e local no ensino aprendizagem

Não é difícil passar aos alunos que esse global acontece em seu local, já que existem exemplos em seu dia a dia como as tecnologias que todos usam, redes sociais que foram

criadas em outros países e aqui eles usam, seus celulares produzidos de forma bem característica da Divisão Internacional do Trabalho (DIT), onde cada peça é produzida em um lugar e um específico apenas monta as peças, assim como ocorre nos carros que circulam na cidade diariamente.

Enfim, por mais distante dos grandes centros urbanos ou com mínimo de infraestrutura, cada lugar carrega em si resquícios do global. Claro que não de forma igual, já que o próprio sistema capitalista não permite, sendo sua essência desigual e combinada.

A leitura do mundo de hoje passa pelo entendimento do processo de globalização da cultura, da economia, dos valores, do conhecimento, das idéias. Mas o espaço não se coloca em abstrato, o espaço planetário se reorganiza em função da nova DIT em função de estratégias mundiais, que como afirma Lefebvre resulta da superposição de níveis diferentes econômicos e estratégicos onde tudo converge para o problema do espaço, ele é a primeira via para se chegar ao mundial (CARLOS, 2007, p. 27).

O exemplo é de extrema importância no processo de ensino aprendizagem, o aluno precisa se ver, precisa que o conteúdo se concretize em seu dia a dia, ele fazendo parte desse processo o torna atrativo conhecer, aprender. Não faz sentido não se pensar no aluno nesse processo em que o objetivo é a conscientização dele e pensar na maneira mais acessível aos alunos considerando sua faixa etária e série.

Percebe-se que dentre os alunos de sexto ano, na faixa etária que compreende 10 a 12 anos, por ainda terem pouca idade e terem acabado de adentrar no Ensino Fundamental, ainda é muito forte o uso dos exemplos simples e até de desenhos para um processo de ensino/aprendizagem. Faz-se, inclusive, na maioria das vezes um desenho do mapa mental, da sua rua, caminho entre a casa e escola do aluno, devido os livros didáticos abordarem desse modo geralmente. O mapa mental é importante, faz com que o aluno desenvolva a noção de espaço, entretanto não o estimula a desenvolver a consciência crítica que eles podem e devem apropriar-se do mesmo.

Não se pode negar a importância de abordar global e local, entretanto, o que realmente pretende-se tratar com o aluno é esse local, até porque os livros didáticos já apresentam esse global, deixando a desejar na abordagem do regional, local dos alunos.

Para o professor como mediador desse processo de ensino/aprendizagem é primordial olhar para o lugar vivido pelos alunos, como conteúdo de ensino aprendizagem. Talvez seja até mesmo essa consciência do professor que falte para que o lugar vivido do aluno possa ser abordado até mesmo nos livros didáticos.

É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar. Nesse sentido pode-se dizer que, localmente, o espaço territorial age como norma (SANTOS, 2006, p. 230).

Para Santos (2006), em todos os casos há combinações diferentes de formas e normas, no caso do lugar a norma é sobretudo forma. Onde o universal é o Mundo como Norma, uma situação não-espacial, mas que cria e recria espaços locais, o particular é dado pelo país, isto é, o território normado, e o individual é o lugar, o território como norma.

O ensino ainda contribui para o aluno saber mais das coisas do mundo do que seu próprio lugar, pode-se considerar ainda o fato do professor ainda não conseguir reconhecer a potência do lugar para o desenvolvimento dos estudos geográficos e como fonte de conhecimento para os alunos sobre o mundo que lhes chega cotidianamente. Desse modo, o aluno não consegue reconhecê-lo na sua vida.

A ordem global funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano. Seus parâmetros são a razão técnica e operacional, o cálculo de função, a linguagem matemática. A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade (SANTOS, 2006, p.231).

Para Santos (2006), o lugar é visto como funcionalidade do mundo, sendo por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente. O conceito, portanto, nos possibilita, apreender e compreender a realidade, pois, o lugar é uma referência pragmática do mundo.

Fica nítido que quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares e específicos, únicos. Assim sendo o conceito tem grande força no mundo globalizado porque enquanto o mundo se constitui num conjunto de possibilidades, o lugar é a entidade geografia que apresenta oportunidades. O mundo depende das virtualidades do lugar.

A priori é nitidamente claro que a ideia do fim do conceito não se sustenta, a relação é dialética e o global e local não se anulam, ao contrário, se complementam e se refazem constantemente. É no lugar que o homem se reconhece como sujeito social, sendo então anulado o fim do conceito.

Pois antes mesmo da globalização enquanto base do sistema, o conceito sempre se fez e refez no dia a dia do homem e se fortalece a cada dia. Mesmo com “guerra dos lugares”, que tem como base unicamente interesses econômicos, pode-se concluir que a globalização provoca a diferenciação dos lugares e não a homogeneização, à medida que as especificidades do local, ao mesmo tempo, articulam-se à ordem global.

Logo, é pelo lugar que podemos conhecer de fato o mundo, através de fenômenos, processos e relações que ali ocorrem, mesmo que as determinações para tudo isso sejam engenhadas fora desse contexto local. Torna-se fundamental que os indivíduos compreendam o seu lugar, percebam a singularidade e a força externa que ali chegam todos os dias. É a partir desse entendimento que os indivíduos se tornam sujeitos sociais ativos, capazes de transformação social.

À Geografia enquanto disciplina escolar cabe esse papel de formação do cidadão. Cabe a ela propor situações de aprendizagem em que a visão completa se construa ao longo da escolaridade.

É de relevância considerar, além de tudo, a relação tempo/espço onde destaca-se que a Fenomenologia avança no sentido de resgatar a nossa experiência tal e qual do mundo, ou seja, a experiência vivida no espaço e no tempo, tudo aquilo que foi desconsiderado pelo racionalismo de base cartesiana. O filósofo apresenta a consciência como algo atravessado pela intencionalidade, resultante da integração do sujeito a determinadas vivências, todo um processo encarnado pela subjetividade.

“Reforçando este argumento afirma que o sentido da fenomenologia está em nós mesmos, no mundo vivido e na relação espaço-tempo. Ao trabalhar estas categorias Merleau-Ponty sustenta a crítica a forma de produção de conhecimento científico na modernidade centrado no objetivismo e facilita a construção de novos olhares no seio do pensamento geográfico. Voltaremos a esta questão posteriormente. No momento é importante compreender o fundamento da crítica do autor à ciência moderna” (PEREIRA, 2010. p.2)

No campo fenomenológico, o espaço tornou-se um objeto muito importante para pesquisa geográfica. Nesse processo, os conceitos geográficos são interdependentes e isso resulta num campo fértil para estudo do espaço a partir de sua interação entre o lugar, a paisagem, a região e o território, visando manter as relações entre fenômenos que se manifestam a todo instante no espaço. Considerando sempre o tempo, pois o espaço é dinâmico produzido diariamente, e carrega em si o acúmulo do tempo, carrega história, sua produção é constante.

Na Geografia, a apropriação do método fenomenológico tem como desdobramento a interdisciplinaridade para a compreensão do espaço. Ao considerar o mundo percebido, vivido e imaginado pelos indivíduos, levando o indivíduo a ter contato com o “mundo exterior” por via da percepção.

Para a fenomenologia, compreender o espaço é considerar o vivido e o percebido inspirado na subjetividade da realidade, que faz com que a intuição se torne um elemento importante no processo do conhecimento, na qual a representação subjetiva do espaço por meio da percepção faz o homem recuperar o humanismo que traz significados e valores ao espaço vivido, construído pela percepção e pelos indivíduos através das práticas sociais. Na representação do espaço, a escala nos remete à percepção, à configuração, à projeção e ao significado do que é visível e invisível nas relações espaciais.

Desta forma, a partir das premissas fenomenológicas, a Geografia da percepção passou a estudar o espaço, paisagem, e os lugares tendo em vista também a experiência e a vivência de seus moradores, conseguindo, assim, a imagem de muitas cidades dentro da mesma cidade. Isso é interessante no sentido que independente das pessoas terem consciência do saber enquanto ciência, têm experiências, até mesmo desagradáveis, dos lugares. São essas experiências que procurasse buscar dos alunos no decorrer do desenvolvimento da prática de pesquisa.

Os lugares são produzidos pelo homem e se refazem diariamente, inacabados em processo constante de alteração. Isso se dá de modo que as pessoas que produzem esse lugar o carregam em si e nele deixam vestígios de sua cultura, história, crenças e costumes. Podemos perceber que é no lugar que o mundo se faz, é nele que se desenvolve a vida, o mundo se faz no lugar.

Aos alunos é essencial desenvolver essa visão que o lugar em que vivem foi produzido por seus ancestrais, e o lugar que eles produzirem servirão para seus descendentes. Para que desse modo, desenvolvam a consciência de que o lugar é produzido diariamente e carrega em si o passado, o presente e o futuro desses que o produzem.

E o estudo do meio tem um papel essencial em fazer com que o despertar o olhar crítico no aluno em relação ao que pareça banal no seu lugar seja eficiente. Pois é através do estudo do meio que o aluno terá uma oportunidade de olhar seu lugar com outros olhos através do trabalho de campo com o professor como mediador.

2 - O ESTUDO DO MEIO COMO PROPOSTA METODOLÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

O estudo do meio é um método de ensino de grande importância no processo de ensino aprendizagem, é um método interdisciplinar que não se restringe a uma única disciplina, logo essa é sua principal característica. O objetivo desse capítulo é justamente abordar esse método e sua contribuição para esse trabalho.

Nesse método todos participam ativamente do processo de ensino aprendizagem, com o professor como protagonista, são mediadores entre os alunos e o conhecimento científico, subjaz, portanto, à luta contra uma perspectiva técnica homogeneizadora e homogeneizante de currículo, que ignora o caráter contextual da prática educativa, a concepção de que os professores não são simples reprodutores de conhecimentos e métodos de ensino produzidos por peritos ou especialistas. Mesmo que sob inúmeros condicionamentos, os professores produzem e mobilizam saberes profissionais, a partir do contexto sempre situado de sua prática.

“Entendemos que as definições curriculares oficiais e os materiais didáticos a eles relacionados servem ao docente como um referencial importante na orientação de seu trabalho pedagógico e, são, sem dúvida, fontes importantes no decurso de construção de sua profissionalidade. Entretanto, o papel do professor não pode ficar reduzido, burocraticamente, a um simples executor desse currículo e aplicador eficiente de manuais didáticos. É à luz, de fato, do exame do contexto sócio-espacial em que se desenvolve seu trabalho educativo e da análise das reais necessidades dos beneficiários de seu trabalho – os alunos e a comunidade escolar como um todo – que o professor deve selecionar os conteúdos a ensinar e os métodos de ação” (LOPES, PONTUSCHKA, 2009, p.3).

A metodologia de ensino que atualmente é denominada, ainda que muitas vezes de forma indiscriminada, de “Estudos do Meio”, é o resultado do trabalho de inúmeros educadores que, ao longo de várias décadas, se dedicaram a construir práticas de ensino que possibilitassem uma melhor compreensão do mundo e a superação dos desafios sócio-educacionais que se lhes apresentavam à época. Tem por objetivo proporcionar aos estudantes uma aprendizagem “mais perto da vida”, ou seja, um contato mais direto com a realidade estudada, seja ela, natural ou social.

O intuito é fazer que o aluno tenha contato direto com o objeto de estudo, preferencialmente fora das quatro paredes da sala de aula. A ideia é um ensino racional,

fundamentado em observações de campo, em discussões e na formação do espírito crítico sobre o meio circundante, ou seja, o contexto social do entorno da escola ao qual pertenciam os alunos, rua, bairro, cidade, o importante é fazer o aluno desenvolver um olhar crítico sobre a sua realidade e para isso o professor deve mediar esse processo.

Freire (2000) aponta que primeiramente deve-se considerar a seleção do lugar a ser visitado, bem como a formulação das principais questões a serem respondidas na pesquisa de campo, todas as etapas de sua realização, o planejamento, a execução e a avaliação, são orientadas, por um lado, pela “dialogicidade” e, por outro, pelo despertar da “curiosidade epistemológica” de todos os membros da comunidade escolar. Ou seja, todas as etapas e respectivas ações que as estruturam são realizadas na busca de acordos e contratos pedagógicos possíveis que, sem negar os conflitos consubstanciais a qualquer relação social, têm como ponto de partida e chegada a realidade vivida pelas pessoas envolvidas na construção de um projeto educativo em uma determinada unidade escolar.

O mesmo pressupõe autonomia relativa dos professores e, de maneira geral, das escolas no processo de construção de seu currículo. Propicia também, ao integrar os professores em uma dinâmica de valorização intelectual de seu trabalho, o desenvolvimento de uma nova profissionalidade docente, na qual, são eles próprios, parte importante no complexo processo de concepção e implementação dos currículos escolares.

Outra característica primordial do método é a integração de professores de várias disciplinas. Entende-se que para ser desenvolvido o olhar crítico, o conhecimento não deve ser disseminado de modo isolado, específico de uma única disciplina. Elas precisam trabalhar juntas nesse processo de ensino aprendizagem para melhor desenvolver o olhar crítico do aluno. Entende-se que a interdisciplinaridade dá ao aluno um olhar mais crítico, justamente por não tratar o conhecimento de forma isolada.

“É preciso alertar, todavia, que não estamos diante de um método de ensino que pressuponha um currículo totalmente aberto e, nele, não esteja presente a intencionalidade. Os objetivos são traçados previamente, porém, como muito bem sugere a epígrafe selecionada para abertura deste trabalho, o transcurso de um projeto educativo não pode ser definido a priori. Seu trajeto, como o voar de uma borboleta, não é linear como de um projétil, ou seja, não pode ser calculado e executado seguindo certa eficiência técnica (LOPES, PONTUSCHKA, 2009, p. 175).

O estudo do meio não é solto como pode parecer. Devido a algumas características inerentes ao método, ele necessariamente deve ser planejado em todas as suas etapas, como já podemos perceber no decorrer do texto. O mesmo deve ter planejamento desde a escolha do local a ser estudado, ou melhor, antes mesmo da escolha do local, é necessário se pensar a temática e a relação dela com o local escolhido. Entretanto, ao mesmo tempo não se deve desenvolver de modo mecanizado, esperando que o trabalho seja desenvolvido de forma exatamente linear, já que o centro desse método são pessoas e pessoas são seres dinâmicos.

“Essa metodologia pode incorporar diferentes princípios e estratégias didáticas conforme a época, dependendo das condições pedagógicas dos educadores. Mas são comuns a todos eles a situação de ensino e aprendizagem envolvendo estudos de campos, ou seja, coleta de informações por meio de observações direta da realidade, natural, social, geográfica, econômica e/ou histórica. Dependendo dos objetivos do formador, ele pode discutir diferentes temporalidades presentes na vida cotidiana; salientar a importância de atitudes críticas e questionadoras diante do mundo; bem como trabalhar fontes históricas, história local, documentos como recurso didático, confrontação de discursos e representações, indícios históricos na paisagem, construção da memória, locais de memória e patrimônio cultural” (LOPES, PONTUSCHKA, 2009, p. 26).

Ao decorrer do trabalho percebe-se quão enriquecedor e estimulante ao aluno é o estudo do meio, pois não é difícil perceber que o aluno, especialmente o de ensino fundamental, se alegra com a possibilidade de ultrapassar as paredes da sala de aula em busca do conhecimento. Uma vez que o estudo do meio lhes proporciona isso, desperta o interesse, sobretudo, quando o campo realizado se passa em sua rua, bairro ou cidade, enfim quando o objeto de estudo faz parte de sua vivência.

A pesquisa de campo como já dito não é feita aleatoriamente. Para que de fato caracterize-se como estudo do meio ela precisa ter a coleta de dados, a interdisciplinaridade, a observação de uma determinada realidade e a vivência *in loco*. É necessária preocupação em relação à coerência com o projeto pedagógico escolar pré-elaborado, é importante também incluir proposições para instigar o olhar crítico dos alunos sobre a realidade analisada.

2.1 – A importância do planejamento do estudo de meio

Lopes (2009) afirma que o êxito do estudo do meio depende do planejamento de todas as etapas do processo, um planejamento flexível, mas certamente rigoroso, que envolve a

partir do que podemos depreender. Assim, o roteiro a seguir não deve ser visto como negação de outras possibilidades de organização e sim como um determinado “esquema estratégico”, baseado na experiência acumulada pelos autores a respeito do tema.

Lopes (2009) afirma que se trata de um método de ensino interdisciplinar ao qual se buscam alternativas à compartimentalização do conhecimento escolar e à excessiva segmentação do trabalho docente. Seu ponto de partida, então, é a reflexão individual e coletiva sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas em determinada escola e o desejo de melhorar a formação do aluno, construindo um currículo mais próximo dos seus interesses e da realidade vivida. Assim, a realização dos Estudos do Meio é impulsionada pelo desejo de maior autonomia docente e do projeto educativo da unidade escolar em relação às instâncias administrativas superiores que, tradicionalmente, controlam o currículo.

“Nesse processo, busca-se, pelo exame das características do lugar/solo em que uma determinada unidade escolar deseja fincar suas raízes – ou seja, o exame de seus problemas, de seus desejos, enfim, de suas mais sérias questões – a seleção de temas e espaços a serem estudados e que poderiam tornar seu currículo e seu projeto educativo, mais significativo para os alunos. Ao privilegiar o estudo do lugar não se quer isolá-lo de outras escalas de análise possíveis e inter-relacionadas, nem que espaços mais distantes não possam ser escolhidos para serem estudados” (LOPES, PONTUSCHKA, 2009, p.180).

A ideia é se pensar estrategicamente desde a escolha do local a ser estudado. Essa escolha deve ser feita considerando a relação do objeto de estudo com a realidade dos alunos, quanto mais próximo do dia a dia do aluno o estudo se desenvolver mais produtivo será.

Outro fator importante a ser considerado no processo, segundo Lopes, Pontuschka (2009), é a opção pelo espaço e tema a ser estudado, que são variados e podem estar situados nas adjacências da unidade escolar, tais como o quarteirão, o bairro, município, um distrito industrial, um prédio público e seus arredores, uma área de mata nativa, até lugares mais distantes como uma cidade histórica, um parque ecológico, uma barragem de hidrelétrica, etc.

O importante é destacar que não existem lugares bons ou ruins para se realizar o estudo do meio, o que realmente importa é o estímulo ao olhar crítico do aluno, de saber através da paisagem detectar os problemas existentes na vida de seus moradores, estabelecer relações entre os fatos verificados e o cotidiano do aluno.

“Escolher e optar não são práticas fortuitas, mas definidoras da vida. Escolher os meios a estudar é optar pelo currículo que se quer desenvolver. A escolha coletiva implica a organização coletiva. Esta se efetivará com a preparação prévia, com a definição dos instrumentos e das tarefas a ser desenvolvidas” (LOPES, PONTUSCHKA, 2009, p. 180.).

Deve-se ter total atenção e cuidado dos organizadores do estudo do meio quanto à segurança dos alunos, especialmente do ensino fundamental e médio. Além da prévia autorização dos pais ou responsáveis e da contratação, quando necessário, de transporte e de alojamento. A elaboração dos roteiros de observação e pesquisa devem levar em consideração o estágio de desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes. Deste modo, a definição do espaço a ser estudado não pode prescindir de uma prévia visita ao local e da identificação, considerando as características dos participantes, de um itinerário que não coloque em risco a sua segurança

No estudo do meio realizado com os alunos do sexto ano para o desenvolvimento desse trabalho, por exemplo, pensou-se essa visita prévia ao local desejado analisando previamente na prática a melhor forma de cumprir o roteiro pensado para os alunos, observando o melhor percurso, tempo percorrido e importantes pontos a serem visitados, considerando sempre a segurança dos alunos no bairro visitado, especialmente tratando-se das margens dos rios Tocantins e Itacaiúnas.

Após a escolha estratégica do local e da prévia visita pelos professores ao local, é necessário pensar-se quais objetivos pretende-se alcançar e o planejamento para alcançar o mesmo.

Lopes, Pontuschka (2009) apresentam os objetivos de extrema importância para a eficácia do trabalho de campo. Segundo os autores, a esses objetivos mais gerais devem ser somados outros que, considerando as características e a potencialidade do meio escolhido para o estudo, conferirão sua pertinência e sua originalidade. São eles:

- consolidação de um método de ensino interdisciplinar denominado estudo do meio, no qual interagem a pesquisa e o ensino;
- verificação de testemunhos de tempos e espaços diferentes: transformações e permanências;

- observações a serem feitas nos diferentes lugares arrolados para a produção de fontes e documentos: anotações escritas, desenhos, fotografias e filmes;
- compartilhamento dos diferentes olhares presentes no trabalho de campo mediante as visões diferenciadas dos sujeitos sociais envolvidos no projeto;
- coleta de dados e informações específicas do lugar, de seus frequentadores e das relações que mantêm com outros espaços;
- emersão de conteúdos curriculares disciplinares e interdisciplinares a ser contemplados na programação;
- produção de instrumentos de avaliação em um trabalho participativo;
- criação de recursos didáticos baseados nos registros;
- divulgação dos processos e do resultado.

Logo não é difícil saber o próximo roteiro. Após tornar claros objetivos mais gerais como os citados acima, deve-se considerar a elaboração do caderno de campo, um instrumento tradicional no trabalho de pesquisa de geógrafos, antropólogos, geólogos, entre outros, essencial em qualquer trabalho de campo sendo parte de extrema importância na eficácia do processo do estudo do meio.

“Diante das profundas mudanças tecnológicas da atualidade e do conseqüente surgimento de novos produtos tecnológicos que auxiliam o trabalho de campo, a utilização do caderno de campo em seu formato tradicional não seria algo ultrapassado? Qual o seu sentido nos dias de hoje e, particularmente, nos Estudos do Meio?” (LOPES, PONTUSCHKA, 2009, p. 182).

Lopes e Pontuschka (2009) entendem que a participação ativa dos alunos no processo de elaboração e manejo do caderno de campo é um fator que joga a favor do despertar de seu espírito investigativo e crítico. Trata-se de uma feliz oportunidade de desenvolver, nos alunos, hábitos e procedimentos de pesquisa tais como: a observação orientada, o registro de dados e informações mais sistematizados e, até mesmo, de suas impressões mais pessoais sobre a realidade. Não se pensa, particularmente, ao se tratar de alunos da escola básica, do desenvolvimento em sentido mais estrito, da pesquisa nos moldes da academia, mas sim e fundamentalmente da promoção de uma atitude indagadora diante do mundo.

Como buscamos mostrar, apropriando-nos de uma tradição que une pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, a utilização do caderno de campo, em Estudo do Meio, cumpre uma função que extrapola largamente seus atributos mais clássicos no trabalho de pesquisa de campo de geógrafos ou antropólogos, por exemplo. Nesse caso, o caderno de campo é um guia, um dos elementos estruturadores do trabalho a ser desenvolvido por um determinado grupo. Ele exerce papel muito importante ao longo de todo o desenvolvimento do Estudo do Meio e não apenas durante o trabalho de campo propriamente dito.

É notável, de acordo com a abordagem dos autores sobre o uso do caderno de campo, que a ideia de que seu uso estaria ultrapassado na atualidade não se fundamenta, já que o registro de dados e informações mais sistematizados e até mesmo as impressões mais pessoais dos alunos sobre a realidade, faz despertar o olhar crítico. O estudo do meio necessita do caderno de campo como instrumento para alcançar os objetivos do seu estudo.

Tendo em vista o aluno como ator principal nesse processo de ensino aprendizagem e a função didático-pedagógica desempenhada pelo caderno de pesquisa de campo, torna-se mais especial ainda as características e o estágio de desenvolvimento cognitivo dos alunos desse nível de ensino, considerando inclusive as diferenças que existem entre as diversas séries, que evidenciam, mais uma vez, sua importância e pertinência. Não faz sentido o estudo do meio sem o uso do caderno de campo.

O caderno de campo tem, inclusive, a capacidade de fazer o aluno participar ativamente do trabalho de campo, não somente olhando a paisagem e ouvindo explicações do professor, mas tirando e registrando em seu caderno de campo o seu olhar da realidade analisada através das paisagens, o seu sentimento particular que muitas vezes é até diferente de qualquer coisa que o professor tenha dito. Por isso, se faz importante cada aluno ter seu caderno, ter nele seus registros, através das anotações poderemos perceber, por exemplo, que uma mesma paisagem pode ser vista de forma distinta pelas pessoas.

Cada aluno tem seu modo de olhar e despertar interesse dos estudantes sobre o local escolhido é um dos principais objetivos do trabalho de campo, a forma que cada aluno vai dialogar com o conhecimento é muito particular. Alguns, por exemplo, podem ter um conhecimento do local escolhido maior que outros, ou até mesmo ligação afetiva com o local

da realização do estudo do meio. Fatores esses que fazem de cada caderno de campo único e de extrema importância para o estudo do meio.

Por fim, realiza-se o trabalho de campo que como ficou bem claro no decorrer desse capítulo, é parte fundamental do estudo do meio. Assim, as práticas de campo em um Estudo do Meio não devem ser caracterizadas como uma ocasião de ruptura do processo ensino-aprendizagem. Ao contrário, fazem parte dele. São momentos especiais, sem dúvida, mas que não se sustentam isoladamente. Não se desconsidera, evidentemente, a dimensão lúdica de uma saída de campo em um Estudo do Meio.

O que queremos evitar é o tradicionalismo de manter os alunos o tempo inteiro no mesmo espaço geográfico, ou seja, dentro da sala de aula, vez que a interação deles com outros espaços é importante para o processo de ensino e aprendizagem.

2.2 – Como realizar a pesquisa de campo

A pesquisa de campo é reveladora da vida, ou seja, por meio dela pretende-se conhecer mais sistematicamente a maneira como os homens e as mulheres de um determinado espaço e tempo organizam sua existência, compreender suas necessidades, seus desejos, suas lutas com vitórias e fracassos. Assim, durante o trabalho de campo, educadores e educandos devem submergir no cotidiano do espaço a ser pesquisado, buscando estabelecer um rico diálogo com o espaço e, na condição de pesquisadores, com eles mesmos.

É o momento de descobrir que o meio ou o espaço, na inter-relação de processos naturais e sociais, é uma Geografia viva, como aponta Pontuschka (2006). Todavia, travar diálogos com o espaço pressupõe o domínio de conceitos e linguagens diversas de muitas disciplinas.

O Estudo do Meio não prescinde, portanto, das características ou identidade das diversas disciplinas. São elas que, de fato, permitem compreender mais profundamente a dimensão social da organização do espaço e, ao mesmo tempo, da influência que essa organização exerce sobre a vida dos homens e mulheres que nele vivem. Compreendendo o meio como uma “Geografia viva”, é preciso ir a campo.

“Ao romper as fronteiras dos territórios institucionalizados de aprendizagem – a sala de aula e a escola –, a pesquisa de campo permite a ampliação desse território

levando, ao mesmo tempo, a “a sala de aula e a escola” para o mundo – um lugar ou situação mais específica ou particular deste mundo para ser pesquisado e estudado –, e o mundo – mais real ou concreto –, para dentro da sala de aula e da escola. Trata-se, portanto, de uma oportunidade, como afirma Thompson (1998) falando mais especificamente do trabalho de campo na realização da História Oral, de gerar ocasiões de aprendizagem para além de seus tradicionais abrigos institucionais” (LOPES, PONTUSCHKA, 2009, p.187).

O importante é despertar os alunos para que aprendam a observar, na aparente banalidade do cotidiano, os aspectos contraditórios e, até mesmo, absurdos neles presentes. A vivência irrefletida do cotidiano tende a naturalizar paisagens pelo ocultamento da dinâmica social que as configuram. A aparente “normalidade” dos arranjos sócio-espaciais impede o olhar mais profundo e que poderia revelar ao observador mais atento os conteúdos implícitos que a aparência, por si só, não pode revelar. A história mesmo do lugar pode não estar mais tão nítida com o passar do tempo, por isso a importância do estudo da historicidade.

E o estudo do meio se faz sentido através do estímulo ao hábito da pesquisa, mostrar aos seus participantes, por um caminho metodológico bem definido, uma realidade que, de outro modo, não poderia ser compreendida.

Lopes, Pontuschka (2009) defendem que, por fim, o Estudo do Meio, como procuramos evidenciar, não é um momento à parte da vida escolar. Pelo contrário, tal qual aqui defendemos deve ser parte integrante e, ao mesmo tempo, desempenhar função integradora do trabalho educativo da escola. Destarte, além de proporcionar a construção de um currículo mais significativo para o aluno, pode colaborar para a construção de uma nova profissionalidade docente, na qual, reconhecendo a possibilidade de autonomia das unidades escolares, insere-os em uma dinâmica de valorização intelectual de seu trabalho. Resultam não só em maior poder de decisão ao professorado, mas também, como não poderia deixar de ser, maior responsabilidade profissional dos professores.

Nesse sentido, é de extrema importância o uso do estudo do meio do desenvolvimento desse trabalho, com os alunos de sexto ano em uma faixa etária de transição pra adolescência e pra o ensino fundamental maior, então o estímulo e uso de métodos diferentes é primordial no interesse do aluno nessa nova fase de sua vida estudantil.

E o estudo do meio será o meio usado para fornecer aos alunos do sexto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Darcy Ribeiro terem um contato direto com

pontos importantes que contam a história do surgimento da cidade e perduram cheios de vida, ou melhor, com modo de vida específico ainda nos dias de hoje. Assim, os alunos poderão desenvolver a consciência crítica ao analisar sua realidade.

Portanto, o Estudo do Meio tem o intuito de contribuir no desenvolvimento desse trabalho para melhor entender o conceito de lugar.

2.3 – Metodologia do Trabalho

Para a realização desse trabalho a priori fez-se necessário uma vasta revisão bibliográfica em relação ao conceito de lugar e à metodologia do Estudo do Meio. dada a importância do referencial teórico para o desenvolvimento de trabalho científico.

Em seguida, a escolha da turma, levando em consideração o prévio conhecimento dos alunos sobre o conceito de lugar, já que os mesmos se encontram no sexto ano do fundamental maior e até essa série, por diversas vezes, tiveram contato com o conceito, inclusive com as professoras do fundamental menor.

Com a turma de sexto ano definida, surgiu a necessidade em pensar lugares para a realização do trabalho de campo que viesse a cumprir os objetivos propostos de fazer o aluno reconhecer-se como agente ativo na construção do seu lugar, considerando a importância da historicidade nesse processo. Então foram selecionados lugares da Marabá Pioneira, em sua maioria tombados como patrimônios históricos, que nos remetessem ao surgimento do lugar que viria a ser o município.

Para a realização de um trabalho de campo, com segurança e com uma prévia do tempo necessário para concluir o percurso, foi feita uma visita prévia nos locais escolhidos. Esta visita é de extrema importância, principalmente quando o trabalho de campo é realizado com alunos menores de idades e o professor é o único responsável pela integridade física deles.

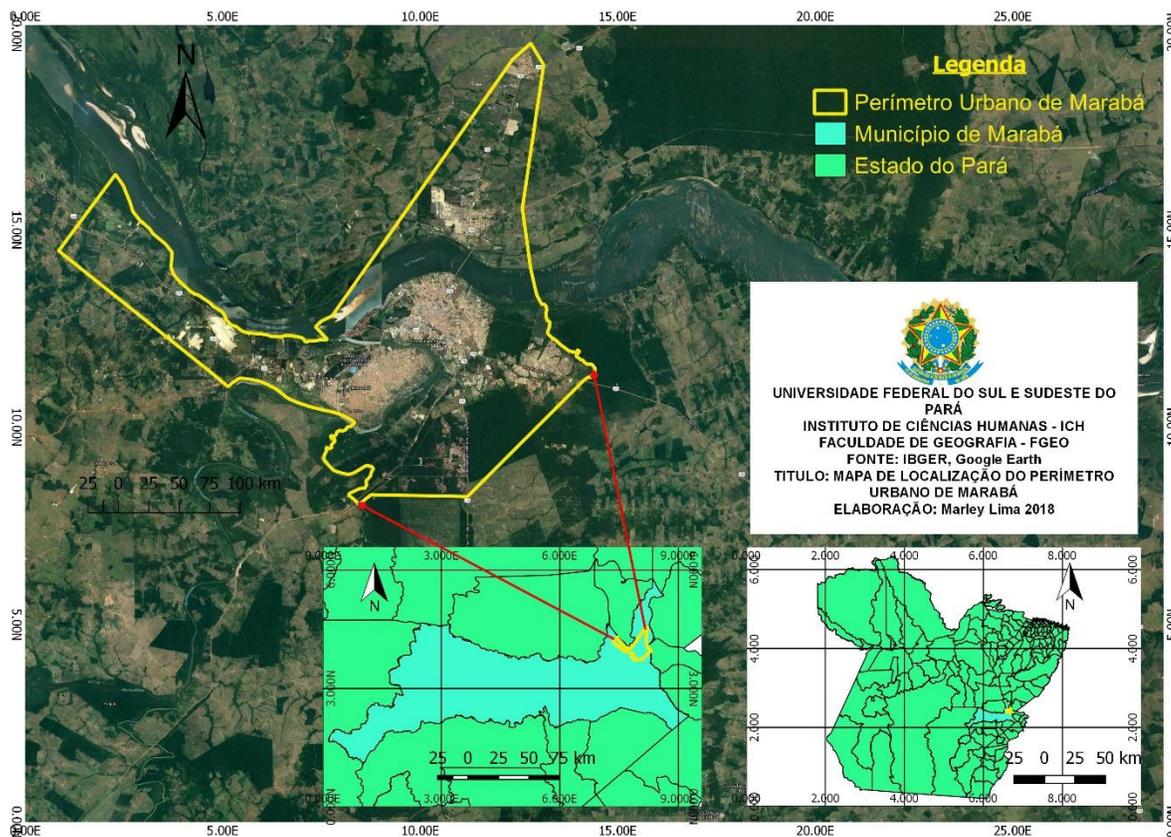
Considerando esses aspectos, a visita prévia foi realizada no horário da tarde, nas mesmas condições que o trabalho com os alunos seria realizado, justamente para conseguir prever o máximo de situações e intempéries que os alunos encontrariam.

Antes do trabalho de campo, os alunos foram orientados a levarem água, lanche, protetor solar, boné e usarem tênis. A intenção era obter melhor comodidade durante o percurso, considerando também o sol à pino.

O próximo passo foi a realização do trabalho de campo e, durante o mesmo, verificou-se o entusiasmo dos alunos e, como esperado, o acontecimento de fatos não previstos, como o cansaço decorrente da temperatura no dia do trabalho de campo estar bastante alta, tornando o percurso um pouco exaustivo. Foi necessário deixar de visitar lugares escolhidos, como o residencial do Cabelo Seco e a Orla, anteriormente programados para o trabalho de campo e analisados na visita prévia.

3 - O “LUGAR” DA PESQUISA

Figura 1: Mapa de Marabá



Elaboração: Marley Lima

Marabá é um município de médio porte localizado no sudeste do estado do Pará, criado em 7 de fevereiro de 1913, mas fundado formalmente apenas no dia 5 de abril do mesmo ano. Atualmente, possui 105 anos de existência, com população bastante diversificada devido ser uma área de intensa migração justificada pelo grande crescimento e construção de indústrias do setor siderúrgico no município, além do surgimento de novas

promessas de empreendimentos para a cidade, que prometem colaborar com o setor financeiro e conseqüentemente gerar oportunidades de empregos em diferentes áreas.

A cidade é o “Lugar” da nossa pesquisa, ou melhor, o bairro pioneiro da cidade em que a história vive pelas ruas, casas e moradores, monumentos e prédios antigos, é que faz-se basilar no desenvolvimento dessa pesquisa que, através do estudo do meio, pretende-se despertar nos alunos de sexto ano a consciência da importância de analisar o contexto histórico do “Lugar” em que vivem, para assim, desenvolver a consciência de pessoa ativa na produção desse lugar.

Saberes e práticas do mundo os alunos têm diariamente em sala aula, raras são as vezes em que lhes favorecem a compreensão das especificidades locais e regionais experimentadas pelos alunos. Desse modo, busca-se uma relação mais próxima do contexto da escola, do cotidiano dos alunos, e o estudo do meio faz-se essencial nesse processo para compreender a partir da pesquisa sobre lugar, contribuir para superação das distâncias persistentes entre o saber escolar e a dinâmica do cotidiano dos sujeitos em aprendizagem, que fazem o “lugar” em que vivem ser singular, mesmo diante do mundo globalizado.

Desenvolver o estudo do meio no ensino de geografia envolvendo os alunos da educação básica pode aguçar a reflexão do aluno para produzir conhecimentos que não estão nos livros didáticos necessariamente, como suas vivências diárias, a identidade do seu lugar, saberes esses que são valorizados pela geografia escolar, especificamente pelo conceito de “lugar”. Valoriza-se o pensar dinâmico, que constrói autonomia no saber escolar, o poder de relacionar-se com a vida cotidiana dos alunos é de extrema importância no processo de ensino aprendizagem dos alunos.

Pretende-se aproximar os alunos da compreensão crítico-reflexiva do conteúdo da sua cidade, do urbano, ou melhor, de como se deu o processo de formação e os reflexos dele na atual configuração de Marabá, considerando sempre os saberes dos alunos, os inserindo diretamente no processo, valorizando os saberes que eles trazem de suas casas, ouvem de seus avós, pais, vizinhos, ou seja, o olhar de quem produz o “lugar”.

Para desenvolver o estudo meio foram seguidas algumas etapas, como já citadas no capítulo anterior como sendo necessárias para o eficaz desenvolvimento do estudo do meio.

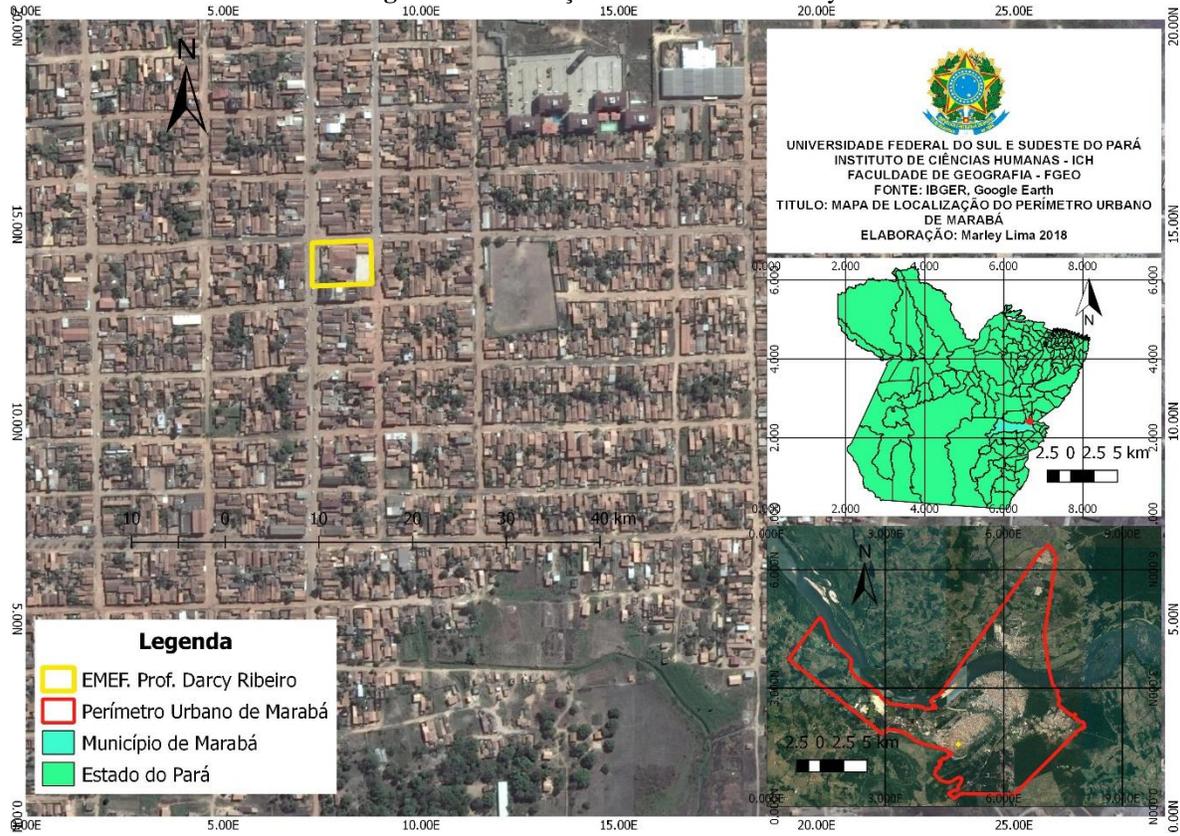
A escolha do “lugar” para desenvolver-se o estudo do meio, considerando a série em que trabalha-se o conceito “lugar”, culminou na conseqüente escolha da turma de sexto ano do ensino fundamental para o desenvolvimento do estudo do meio.

Considera-se o conceito “Lugar” como basilar nesse trabalho, no sentido de lugar, enquanto cotidiano e produzido dinamicamente ao longo do tempo, essencial para estimular o pensamento e olhar crítico dos alunos, enquanto conscientes de sua capacidade de transformação social. O conceito tem esse papel nesse processo, pois é no lugar que podemos conhecer de fato o mundo através de fenômenos, processos e relações que ali ocorrem, mesmo que as determinações para tudo isso sejam engrenhadas fora desse contexto local, torna-se fundamental que os indivíduos compreendam o seu lugar, percebam a singularidade e a força externa que ali chegam todos os dias. É a partir desse entendimento que os indivíduos se tornam sujeitos sociais ativos capazes de transformação social.

Para tal, escolheu-se o “lugar” Marabá Pioneira, o percurso foi pensado considerando a verificação de testemunhos de tempos e espaços diferentes, transformações e permanências. Juntos, todos os pontos pensados para percorrer com os alunos contam e carregam resquícios da história da cidade. O lugar escolhido por si só conta a história da cidade, pois durante o percurso a paisagem nos mostra resquícios de um passado não muito distante que traduzem suas formas e dinâmicas de modos de vida presentes.

Os alunos são da EMEF Prof. Darcy Ribeiro, localizada no bairro Jardim Bom Planalto, no núcleo Cidade Nova. Percebe-se que, apesar do lugar escolhido para o trabalho de campo não ser no mesmo bairro da escola, é importante e presente na vida dos alunos, pois o bairro pioneiro é referencial da cidade por completo. Para entender seu processo de formação antes de mais nada é necessário entender a base de seu surgimento. Percebeu-se que os alunos possuem conhecimento prévio do local escolhido, justamente pelo fato dos pontos escolhidos serem referenciais do surgimento da cidade, todos já os visitaram ou ouviram falar. Por isso, a importância de levá-los, pois compreender a formação de seu espaço faz-se essencial no processo de ensino aprendizagem.

Figura 2: Localização da EMEF Prof. Darcy Ribeiro



Elaboração: Marley Lima

Um dos pontos importantes para desenvolver o trabalho foi perceber o entusiasmo dos alunos em sair da sala de aula e ampliar suas maneiras de perceber o processo de ensino aprendizagem, não somente dentro da sala de aula. O trabalho de campo é umas das maneiras mais bem aceitas pelos alunos quando se fala em modos diferentes de ensinar.

Os pontos escolhidos foram: Pontal (confluência dos rios Itacaiúnas e Tocantins), Estátua Francisco Coelho (Cabelo Seco), Residencial do Cabelo Seco, Estádio Zinho Oliveira, Praça Duque de Caxias, Palacete Augusto Dias, Orla de Marabá, biblioteca municipal e outros que nos ajudaram nessa jornada.

Figura 3: Destaque dos pontos visitados



Fonte: Marley Lima

Antes de levar os alunos para a prática de trabalho de campo no lugar escolhido fez-se uma visita prévia para analisar o tempo necessário para desenvolver o percurso e características físicas dos pontos escolhidos, considerando a análise de perigosidades das margens do rio, por exemplo, e outros fatores que porventura poderia colocar em risco, de alguma forma, os alunos. Antes mesmo da realização do trabalho de campo, fez-se necessário também uma revisão bibliográfica, estudo prévio sobre os lugares que seriam percorridos com os alunos.

Figura 4: Visita Prévia no pontal



Foto: Mariele dos Anjos Vaz

Algumas fotos da visita prévia feita pelos professores podem nos mostrar que, antes de mais nada, é necessário que o professor tenha interesse em desenvolver com seus alunos o trabalho de campo, como meio no processo de ensino aprendizagem. Pois o desenvolvimento do mesmo requer muita dedicação, antes mesmo da execução do trabalho de campo em si.

A visita prévia faz-se essencial nesse processo, pois é nela que os professores perceberão eventuais riscos para seus alunos e analisar também o tempo necessário para percorrer os pontos, para assim poder programar o tempo de saída e de chegada dos alunos e, inclusive, deixar os pais cientes do horário em que os filhos estarão de volta. Ou mesmo poder programar com os alunos um horário de lanche e se será realmente importante parar para um lanche. Ou, ainda, o traje necessário para o horário.

No caso do trabalho de campo específico viu-se a necessidade de trajes característicos de um sol à pino, como também o uso de boné e protetor solar. E a importante recomendação do transporte de garrafas de água, sendo necessária a hidratação constante no calor marabaense.

Figura 5: Durante a visita prévia no Residencial do Cabelo Seco



Foto: Gabriel Barros (2018)

Na visita prévia verificou-se que os pontos escolhidos são considerados monumentos históricos da cidade, que carregam em si vestígios do surgimento dela, por isso a importância de levar os alunos ao conhecimento de como se deu o processo de formação de sua cidade e, assim, despertar neles uma consciência crítica. Percebeu-se que o passado e o presente estão nos prédios históricos que embelezam a cidade. Pois, em sua maioria, surgiram em meados de 1920, praticamente junto com a cidade, e são preservados firmes até hoje, narrando histórias e revivendo momentos de um rico passado.

Alguns deles, como a Biblioteca Municipal Orlando Lobo, onde antigamente funcionava o mercadão, apesar de manter a base que um dia foi o mercadão que recebia os navegantes e trabalhadores que vinham de barco para trabalhar na extração de caucho, hoje está reformado e tombado como patrimônio histórico. No local, funciona uma linda biblioteca que recebe pessoas de segunda à sexta, com grande acervo literário. É um exemplo do passado e do presente no mesmo lugar.

3.1 – Realizando a visita de campo

Realizou-se o trabalho de campo com os alunos de sexto ano da escola EMEF Prof. Darcy Ribeiro no dia 13 de junho de 2018, turma com média de 20 alunos. Estavam presentes uma professora de História, o professor de Geografia Gabriel Barros, dois graduandos, Marley e Fernanda, e eu como mediadora nesse processo em busca do conhecimento e desenvolvimento de uma consciência crítica dos alunos em relação ao lugar em que vivem, considerando fatos históricos através do estudo do meio. Na busca também de desenvolver a prática para o eficaz desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso.

A primeira parada com os alunos se deu no encontro dos rios Tocantins e Itacaiúnas. É na confluência dos rios que surge a cidade no século XIX, bibliografias e relatos de moradores antigos apontam que Carlos Leitão, com um grupo de seguidores, vem para as proximidades do rio Itacaiúnas, onde pretende instalar um “Burgo Agrícola” em meados de 1895.

O “Burgo Agrícola” é instalado e uma expedição parte dele em busca dos campos gerais (campos naturais para a criação de gado), descobrindo por acaso a presença do caucho (*Castilloa Ulei*) na região do Tocantins-Araguaia-Itacaiúnas. Esta foi a primeira riqueza de Marabá. E aqui começaram a se instalar pessoas para extrair o caucho, surgindo assim os primeiros resquícios da cidade.

Por isso, faz-se importante mostrar aos alunos a confluência dos rios, considerando que o desenvolvimento de Marabá se vinculou diretamente ao uso deles, tanto para a extração dos recursos naturais, como para o transporte de quem chegava e partia. O local por muito

tempo foi essencialmente ribeirinho, sem estradas que dessem acesso por terra a outras cidades, todo o seu processo era desenvolvido por água.

“Portanto, a localização na confluência dos dois rios era primordial para viabilizar a economia e a sobrevivência daqueles que se dedicavam a tais atividades, extratores, patrões e comerciantes, mesmo sendo um local impróprio para o estabelecimento de um núcleo urbano. O pontal era passagem obrigatória das embarcações que adentravam pelos rios e igarapés das florestas” (ALMEIDA, 2008, p. 31).

Os alunos mostraram-se bem ativos no processo, alguns inclusive faziam perguntas e relatavam o que ouviam de seus pais e avós em relação ao surgimento da cidade na confluência dos rios. Ficaram bem atentos à explicação e bastante maravilhados com a beleza do encontro dos dois rios, bem nítida a olho nu. Percebeu-se o interesse por parte dos alunos em continuar com o trabalho de campo, conhecendo um pouco mais da história de sua cidade.

Em sua maioria, já tinham ouvido falar algo sobre a confluência dos rios e o surgimento da cidade, mas pouco relacionavam a importância real dos rios nesse processo. Chamou a atenção dos mesmos também a relação dos rios com o caucho, alguns sabiam que se tratava da borracha, mas não relacionavam a importância do caucho no surgimento da cidade. Destaca-se, então, que apesar de alguns já terem conhecimento de fatos soltos da importância da confluência dos rios, pouco se entendia dessa dinâmica dos rios como essencial no desenvolvimento da cidade ou sobre como o modo de vida ribeirinho por muito tempo foi a principal característica da cidade. Relacionar todos esses fatores - confluência dos rios, surgimento da cidade e a extração de riquezas naturais - fez-se importante nesse processo da busca do estímulo de conhecer o lugar para além do que podemos ver, com o olhar crítico.

Figura 6: Explicação aos alunos no primeiro ponto (pontal)



Foto: Gabriel Barros (2018)

Na imagem (Figura 6) percebe-se que os alunos observam o encontro dos rios e mostram-se atentos à explicação, há pouca dispersão, considerando assim o interesse dos alunos em conhecer mais do que já ouviam falar sobre o surgimento da cidade e, claro, entusiasmados com a beleza do pontal, nítida a olho nu do ponto onde localizam-se. A paisagem do encontro dos rios já é atraente para adultos, ainda mais para alunos nessa faixa etária, onde a imagem é muito importante e chamativa, despertando neles um interesse que apenas aulas expositivas não teriam a mesma eficácia.

Figura 7: Alunos registrando em fotos o pontal



Foto: Gabriel Barros (2018)

O próximo ponto que também carrega em si vestígios da história da cidade é o bairro Cabelo Seco. A parada se deu na praça com uma visita à Estátua de Francisco Coelho da Silva, figura importante na história da cidade, conhecido como um dos primeiros moradores. Há relatos que ele deixa o Burgo e se estabelece na junção do Tocantins/Itacaiúnas, com um pequeno comércio (Casa Marabá), para negociar com extratores do caucho que subiam e desciam os rios. Seu comércio mais tarde daria o nome à cidade de Marabá.

“Ponto obrigatório dos caucheiros que subiam e desciam o Itacaiunas, o pequeno arraial foi se alargando, e cedo tornou-se o interposto comercial de dois rios. Ali se aviava e contratava o pessoal para o serviço de extração do caucho, dali partiam as levadas exploradoras, Itacaiunas acima, ali vinham ter as miricicas dos caucheiros venturosos” (ALMEIDA, 2008, p. 31).

Mais uma vez os alunos sentaram-se em uma calçada e, diferentemente do ponto anterior, esse ponto no bairro Cabelo Seco muitos já conheciam e já tinham ouvido falar bastante da ilustre figura de Francisco Coelho.

Uma aluna, inclusive, se manifestou para relatar aos colegas o que ouvira sobre Francisco Coelho e o surgimento de Marabá, sendo o relato fiel às bibliografias referentes ao surgimento da cidade. Muito interessante observar os alunos participando ativamente desse processo de ensino aprendizagem através do trabalho de campo em análise ao “lugar” do surgimento de sua cidade.

Percebeu-se, então, a necessidade de mostrar-lhes para além do que seus olhos já estavam treinados a ver, como a história que já conheciam do bairro, mostrar-lhes a importância de analisar a paisagem de forma crítica. No bairro haviam, por exemplos, várias casas de construções antigas, com tijolos e paredes que conta a história do local, casas que resistem ao tempo e ainda carregam em suas formas e moradores um modo de vida específico, característicos daquele lugar. As ruas parecem ter vida, alguns anciões ainda se sentam na porta de casa, nas ruas trafegam poucos carros e ainda se mantém o formato de ruas feitas para pessoas e bicicletas, não carros.

As ruas são estreitas e características do início da cidade. As casas antigas também carregam vestígios do tempo e das párias enchentes que vivenciaram, com construções que resistem à força das águas dos primeiros anos da cidade, com vigas e tijolos reforçados característicos de meados de 1920.

Almeida (2008) destaca que como parte do espaço, o lugar é ocupado por sociedades que ali habitam e estabelecem laços tanto no âmbito afetivo, como também nas relações de sobrevivência. Os lugares têm paisagem, espaços e lugares. O lugar talvez seja o mais fundamental dos três porque focaliza espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas. Por isso, destacou-se aos alunos a importância de um olhar crítico à paisagem, a criação desse hábito é fundamental para formação de crianças conscientes de sua capacidade de mudar sua realidade. É necessário estar atento em relação à forma de olhar a realidade.

Destaca-se também a importância do estudo do meio com sua característica interdisciplinar, pois uma mesma paisagem pode mostrar-se diferente aos vários olhares que ali estão. O fato de estar em grupo nos fornece o conhecimento desses vários olhares de uma mesma paisagem, pois a interação proporciona a cada um compartilhar com os colegas sua análise e ver que muitas vezes o outro pode ter visto algo não tenha visto e vice-versa.

Destacou-se também para os alunos o fato de Francisco Coelho ser maranhense. Ele era um dos tantos que vieram e deram início ao burgo que seria a cidade de Marabá, além dos que vieram do Goiás, após lutas sangrentas em Boa Vista do Tocantins (GO) que levaram várias famílias a buscarem outros locais para viver. Aqui, pessoas do Goiás e Maranhão em sua maioria deram início ao que hoje é a cidade de Marabá.

Faz-se importante destacar o fato de pessoas de estados com culturas diferentes fazerem parte do processo de surgimento da cidade. Não somente maranhenses e goianos, mas de outros estados e outros lugares do Pará, cada um com seus costumes e cultura, fizeram a Marabá que hoje conhecemos de cultura característica de miscigenação, que faz jus ao significado popular do seu nome: “filho da mistura”. Os alunos inclusive destacaram esse fato, referindo-se à diferença existente entre a cultura de Marabá e Belém, capital paraense. Deram exemplos sobre como a comida e modo de falar são muito mais característicos do Maranhão que da capital do estado.

Esse ponto do trabalho de campo foi um dos mais produtivos, no que diz respeito à participação dos alunos. É importante valorizar os conhecimentos que os alunos trazem consigo, assim sendo o professor não é o único detentor do conhecimento e, sim, mediador nesse processo de ensino aprendizagem em que o aluno é agente ativo e de extrema importância. Nesse sentido, o conhecimento é interdisciplinar como característica principal do estudo do meio.

Figura 8: Imagem de Francisco Coelho no Cabelo Seco



Foto: Gabriel Barros (2018)

Figura 9: Alunos ouvindo a explicação sobre o Cabelo Seco



Foto: Gabriel Barros (2018)

Nesse momento, percebeu-se a necessidade de sentar-se tomar água para em seguida retomar os pontos escolhidos. Parar e prestar atenção no professor faz-se também importante no processo. Verificou-se então nessa parada ao Cabelo Seco a interação do professor-aluno observando como o professor deve trabalhar interagindo com o aluno, para que a construção do conhecimento seja alcançada e ajude o aluno a sair da sua dependência intelectual, podendo, por meio do conhecimento, atingir maioria intelectual. O professor, buscando a melhor forma de comunicação com seus alunos, obterá com essa interação o objetivo principal, que é a autonomia de pensar dos seus alunos.

Ao professor cabe a função de mediador no processo de ensino aprendizagem e no trabalho de campo faz-se essencial o professor saber a hora necessária do aluno parar e prestar atenção, a hora de simplesmente olhar a paisagem, a hora de interagir e trocar ideias e a hora de falar, expor suas opiniões. No processo de ensino aprendizagem os agentes ativos no processo devem estar cientes de seus papéis, para que dialeticamente possam interagir para melhor desenvolver o estímulo do aluno na busca do conhecimento, que é o objetivo principal, quando se fala em qualquer metodologia de ensino.

Figura 10: Explicando no Cabelo Seco

Foto: Gabriel Barros (2018)

Importante ressaltar que o estudo do meio como metodologia de ensino é importante também para o professor, também enriquecedor, por isso é interdisciplinar. O ensino é considerado dialético nesse processo e, para quem participa do projeto, faz-se de grande importância a forma como o trabalho desenvolve-se. Pois, além dos conhecimentos prévios adquiridos com revisões bibliográficas, ao longo do percurso também esse conhecimento amplia-se para o pesquisador, mesmo agindo como mediador entre os alunos e o conhecimento, o estudo do meio também oportuniza que o pesquisador adquira conhecimento, sendo este construído de forma dialética.

Figura 11: Professora de História que participou do trabalho de campo



Foto: Gabriel Barros (2018)

Os próximos pontos percorridos com os alunos foram o Estádio Zinho Oliveira e o Cine Marrocos. Geograficamente próximos, os dois fazem também parte dos monumentos que contam a história da cidade. Os alunos entusiasmaram-se bastante com o estádio Zinho Oliveira, eufóricos para entrar e conhecer de perto o estádio. Ele é da década de 1970, relativamente novo em relação à história da cidade. O estádio tem uma das menores dimensões, sendo considerado um dos menores campos de competição oficial da CBF, tendo sido construído na gestão do governador do estado Aloysio da Costa Chaves e do prefeito municipal Haroldo Costa Bezerra.

Os alunos mostraram-se interessados e curiosos em visitar o estádio. O professor Gabriel Barros então conseguiu que liberassem a entrada do mesmo para os alunos poderem, além de vê-lo de perto, saciar sua curiosidade, já que em sua maioria não conhecia o interior do estádio.

Figura 12: Explicação sobre o Estádio Zinho Oliveira



Foto: Gabriel Barros (2018)

Destaca-se que os alunos tiveram a oportunidade de experimentar uma aula prática inovadora: um passeio pelos principais pontos históricos da sua cidade e mostraram-se entusiasmados o tempo inteiro. Percebe-se ter sido um dia enriquecedor e certamente guardado na memória de cada um. Pensa-se que o dia foi bastante produtivo para estimular o aprendizado e oferecer uma experiência de ensino inédita aos alunos, além de aguçar a curiosidade em explorar o destino onde mora, a criança compartilha suas experiências com familiares e amigos.

É assim que o conhecimento se perpetua, onde os alunos chegam em casa empolgados com o trabalho de campo, compartilham informações com seus familiares e podem, inclusive, estimular os familiares a conhecerem os pontos, já que em sua maioria os pontos são hoje em dia pontos turísticos da cidade, dada a importância no contexto histórico da cidade.

Figura 13: Professores e alunos no interior do estádio Zinho Oliveira



Foto: Gabriel Barros (2018)

O cine Marrocos é um dos monumentos mais importantes da história da cidade, prédio da década de 1940, em uma época que ainda não havia a televisão e tudo acontecia para valer nas telas do Cine Marrocos. Um privilégio para um começo de cidade. A história do cinema como projeção teve início em 1937, com Hiran Bichara, o mesmo membro de uma nobre família da cidade.

Há relatos de que era um negócio difícil na ocasião, porque Marabá era aquela vilazinha que não tinha mais de três ou quatro mil habitantes. "Pedi ao meu pai para comprar aquelas máquinas de cinema do meu padrinho, Monção. O meu pai comprou e trouxe para casa, fizemos o salão, montamos a cabine e funcionava ali o nosso cinema", afirma Bichara³. Portanto, não havia público para garantir o funcionamento. Numa época que não havia televisão o cinema era tudo de bom, todo mundo passou por lá. Os filmes que chegavam à

³ Entrevista para reportagem publicada em 13 de setembro de 2016 no Blog Hiroshi Bogéa. Disponível em: <http://www.hiroshibogea.com.br/maraba-perde-um-de-seus-filhos-ilustre-hiran-bichara/>

Marabá eram trazidos de navio por Belém e, de lá, uma pessoa recebia e passava para um barco menor, que vinha para cá.

Hoje em dia, bem conservado, o prédio é gerenciado pela Secretaria Municipal de Cultura e revela sua nobreza com um lindo palco, escadarias, muitos lugares e ambiente climatizado. Encontra-se em excelentes condições desde que foi restaurado em 2002, na gestão do Prefeito Sebastião Miranda, e se tornou um Centro de Formação e Qualificação Profissional e um centro irradiador de cultura.

O prédio carrega em si, apesar das reformas sofridas, vestígios de seu passado e do passado da cidade, conseqüentemente. Por isso, é um dos prédios tombados como patrimônio histórico da cidade. Entende-se então como essencial trazer ao conhecimento dos alunos. Curioso que alguns mostraram-se surpresos com o fato de por muito tempo o Cine Marrocos ser o único espaço destinado ao lazer da população e o fato de ser o único local onde as pessoas podiam assistir, já que não havia TV em casa.

Após os pontos anteriores, levou-se os alunos à praça Duque de Caxias, espaço importante também na história do município, considerada um dos símbolos antigos preservados e cuidados com atenção. Esse ponto também foi um no qual os alunos mostraram-se com algum conhecimento prévio, principalmente em relação ao coreto que fica na extremidade da praça e ondem, hoje em dia, se vendem artesanatos, artigos que remetem à história da cidade. Mas os próprios alunos relatam que o coreto tornou-se famoso por haver um lago com exemplares de peixes exóticos em meados de 2003.

Figura 14: Aluna explicando sobre o aquário que existia no Coreto



Foto: Gabriel Barros (2018)

Na frente da praça encontra-se um prédio com obras paralisadas. É o Palacete Augusto Dias que outrora abrigou a Câmara Municipal de Vereadores. Trata-se de um prédio histórico que aguarda a restauração e a readequação para abrigar o Museu Municipal Francisco Coelho (MMFC). Em relação a esse prédio histórico, os alunos relataram não terem conhecimento prévio, como em alguns pontos anteriores.

A praça e seus arredores são essenciais quando se fala em percorrer pontos que remetem ao passado e presente de Marabá. Ali, hoje em dia, existem algumas barracas de ambulantes e sempre se encontra anciões sentados pelos bancos. Felizmente encontramos um em nosso trabalho de campo com os alunos. Ele relatou lembranças de períodos marcados em sua memória sobre a cidade de Marabá.

Figura 15: Senhor falando para os alunos sobre suas memórias



Foto: Gabriel Barros (2018)

Figura 16: Alunos atentos aos saberes populares



Foto: Gabriel Barros (2018)

Esse é um dos pontos importantes no processo de ensino aprendizagem tendo como metodologia o estudo do meio, a importância de ouvir relatos que não se encontram necessariamente nas bibliografias e textos científicos, mas que existem na memória e no coração daqueles que a vivenciaram. O estudo do meio nos proporciona isso e o conceito “lugar” encarrega-se de despertar nas pessoas esse vínculo afetivo, esses saberes que traduzem o dia a dia e a história de um povo.

É no lugar que se encontra a identidade de um povo, encontra-se a história do passado e as rotinas de um presente em que se produz o futuro. É nítida a importância desse conceito nesse trabalho e mais ainda perceber que os alunos conseguiram absorver essa relação do conceito, o trabalho de campo e a história da cidade.

É importante eles perceberem o processo de construção do espaço em que vivem, para assim tornarem-se conscientes de que o lugar em que vivem hoje foi produzido ontem por aqueles que chegaram aqui 105 anos atrás e que esse mesmo lugar hoje é produzido por seus pais e por eles para um futuro não muito distante. Essa consciência de que o lugar é inacabado e produz-se diariamente é essencial.

O próximo ponto foi a Biblioteca Municipal Orlando Lobo. Era neste local que funcionava o Mercado Municipal de Marabá, símbolo da história da cidade, inaugurado em 1927, casa que recebia os caucheiros na busca de ferramentas de trabalho e comida. Foi restaurado e revitalizado e lá, agora, funciona a Biblioteca Orlando Lobo, localizada nas proximidades da Igreja de São Félix, na Praça Cipriano Santos. Abriga grande acervo de obras literárias, aberta ao público diariamente. O local chamou a atenção dos alunos já que muitos ainda não conheciam seu interior.

Figura 17: Alunos no interior da Biblioteca Orlando Lobo



Foto: Gabriel Barros (2018)

Ao lado da biblioteca encontra-se a Igreja São Félix de Valois, também na Praça Cipriano Santos. É uma construção de meados de 1920, uma das primeiras capelas na antiga Vila Marabá. Em 1926 foi destruída por uma grande enchente. A Igreja é o primeiro patrimônio histórico do município, então é essencial relatar aos alunos a importância da mesma. Estes foram os últimos pontos do trabalho de campo.

Percebe-se que os alunos foram bastante participativos e o trabalho de campo em si levou o aluno a questionar as situações concretas que vivenciam em seu cotidiano, estimulando-os a procurar respostas para os problemas e a analisar, a partir de então, o seu dia a dia com um olhar crítico de quem é capaz de produzir o lugar em que vive. Desse modo, o aluno poderá compreender melhor a sua realidade, ajudando a construir e reconstruir a realidade do mundo, transformando-se em um agente ativo do processo.

Os pontos foram essenciais na procura por tornar aos alunos o seu lugar compreensível, explicável e passível de transformação, além do desenvolvimento da consciência de que eles são agentes ativos. O trabalho de campo proporcionou aos alunos estudar a própria realidade concreta em que vivem, superando o senso comum e reconhecendo a história do seu meio como a sua própria história. O estudo do lugar valoriza a dinâmica da própria vida, das histórias pessoais e dos grupos sociais dos quais os estudantes fazem parte, ao mesmo tempo que é um importante exercício para entender o seu lugar.

Por fim, é importante destacar que dois dos lugares escolhidos para fazer parte do percurso percorrido em busca do resgate histórico, que nos remetessem a construção do lugar que no futuro seria a cidade que hoje os alunos vivem. Não o fez possível, devido ao sol apino que acabou tornando o percurso um pouco exaustivo para os alunos. Para então conservar a integridade física dos mesmos, o trabalho de campo foi encerrado sem visitar o Residencial do Cabelo Seco e a Orla de Marabá.

Importante destacar isso, pois o Estudo do Meio e qualquer outra metodologia que busque eficácia no processo de ensino aprendizagem, está sujeita a esses tipos de imprevistos, é certo que dificilmente as coisas se desenvolvam conforme o planejado. Já que se trata de metodologias desenvolvidas com seres humanos, seres dinâmicos e o meio também que estamos inseridos é dinâmico, não se pode esperar exatidão como em uma ciência exata.

3.2 - Materialização do trabalho de campo

No dia seguinte ao trabalho de campo, houve a sistematização da ação com os alunos. Eles realizaram uma produção textual explicando como foi o trabalho de campo e como eles entenderam os conhecimentos construídos durante o trabalho.

Todos fizeram sua produção textual individualmente e a materialização através da produção textual se fez extremamente importante para fechar esse ciclo do Estudo do Meio, uma vez que há interação com a realidade que cerca o indivíduo e com os outros seres humanos, dividindo com eles sua visão de mundo, suas experiências e seus sentimentos. Uma

das formas mais eficazes de interação é a linguagem, pela qual o emissor pode transmitir suas ideias e emoções.

A sistematização dos conhecimentos e a possibilidade de compartilhar com os colegas a sua leitura sobre o trabalho de campo é de extrema importância nesse processo e a produção textual cumpre esse papel.

Entende-se que, para além do trabalho de campo, é importante também fazer com que a sistematização do mesmo seja também prazerosa e enriquecedora no processo de ensino aprendizagem. A possibilidade de compartilhar com os colegas se faz importante, considerando que cada aluno compartilhe suas visões sobre um mesmo trabalho de campo, os conhecimentos compartilhados podem ampliar seus olhares ao ver que o outro pode ter visto, apreendido algo que você não viu e vice-versa.

Ao analisar as produções textuais ficou nítido o quanto os alunos ficaram empolgados com o saída a campo e conseguiram compreender que o lugar que vivem hoje é munido de uma história que o faz singular ao demais. Um a um os textos produzidos foram lidos em voz alta e os olhares específicos de cada um foram compartilhados.

Com olhos e ouvidos atentos, eles deram importância aos conhecimentos dos colegas, percebendo-se, inclusive, uma maior vontade dos alunos em ampliar os conhecimentos e levar os familiares aos lugares por onde andaram.

4. CONCLUSÃO

Este trabalho, ao longo do seu desenvolvimento, propôs-se usar como metodologia o estudo do meio que foi escolhido por ser uma atividade que garante um momento coletivo de aprendizagem e de convivência entre professores e alunos. Isso ficou evidente durante o trabalho de campo, onde alunos e professores participaram ativamente no processo de ensino aprendizagem. O conceito “Lugar” fez-se também importante nesse processo, no sentido de que o lugar é o acúmulo da forma com que as pessoas fazem esse lugar. Procurou-se, então, despertar no aluno consciência de que ele faz parte desse processo, que cabe a ele construir o lugar que querem para seus descendentes, o lugar que terão no futuro será uma consequência do modo como o fazem hoje.

Para desenvolver essa consciência nos alunos em relação ao seu lugar escolheu-se pontos importantes da Marabá Pioneira, que carregavam em si vestígios que contassem a história do seu lugar, para que conhecendo o contexto histórico do seu passado eles se reconhecessem como agente ativos e despertassem a consciência que o lugar que vivem é construído diariamente desde o início aos dias atuais. Por isso, escolheu-se a turma de sexto ano, já que na mesma é trabalhada o conceito “Lugar”.

Considerando isso, percebeu-se durante o desenvolvimento do trabalho que o mesmo se eficaz, pois durante todo o seu desenvolvimento a aprendizagem foi construída de forma coletiva, os alunos participaram de forma ativa, trazendo consigo, inclusive, saberes do seu convívio familiar sobre os pontos históricos visitados. Empolgaram-se com o trabalho de campo e por diversas vezes alguns alunos se prontificavam inclusive a relatar os fatos históricos de alguns pontos visitados.

Essa construção dialética e interdisciplinar do conhecimento como foi proposto fez-se presente a todo momento, pois a professores de História e de Geografia, nesse papel mediador, não somente portaram-se como detentores do saber, mas consideraram ao longo do trabalho os saberes dos alunos.

Apesar da visita prévia e do planejamento prévio do trabalho de campo, percebeu-se que por se tratar de uma metodologia de ensino dinâmica, durante o desenvolvimento do percurso o estudo foi ganhando formas não programadas, mas um tanto importantes nesse

processo, como a participação do senhor sentado em um banco da praça Duque de Caxias, de modo que não haveria como programar que ele estaria ali no mesmo momento da execução do trabalho de campo, o que nos mostra a importância do estudo do meio no processo de ensino aprendizagem.

No sentido que o estudo do meio, ao tirar os alunos da sala de aula, proporciona um amplo acervo de conhecimento, considerando que o lugar de vivência dos alunos, presente em sua rotina e que por diversas vezes passa despercebido por eles, carrega em si a historicidade que como consequência tem o lugar que eles vivem.

Percebe-se que os alunos conseguiram fazer essa relação do lugar como produzido por pessoas em seu passado e sua atualidade e o olhar de modo crítico a fatos que por muitas vezes na banalidade do dia a dia passam despercebidos por eles. Na parada do Coreto da praça Duque de Caxias, por exemplo, onde comentaram que ali havia um aquário repleto de peixes e que hoje não existe mais porque as pessoas no período não souberam conservar, por isso, conforme os alunos, hoje o coreto se encontra feio e sem vida e a praça teria mais visitantes se ali ainda existisse o aquário.

O exemplo citado acima pode parecer banal, mas esse ato de analisar um determinado ponto como analisaram o coreto, não somente passando sem o analisar e pensar no que existiu ali um dia, como a maioria relatou que apesar de ter passado por ali por diversas vezes nunca havia parado para pensar, analisar e se pergunta sobre aquele ponto. E essa consciência de olhar crítico sobre as paisagens, teoricamente irrelevantes e às quais estão acostumados, faz-se enriquecedor para o desenvolvimento de um aluno consciente de que é um agente ativo na construção do seu lugar de vivência.

Esse modo de ver seu lugar é que vai fazer com que o aluno se reconheça e, assim, faça-se que o mesmo consiga preservar para as gerações futuras fatos como os tais que particularizam o seu lugar em relação aos demais, em meio ao mundo globalizado. A historicidade de um povo faz-se essencial nesse processo. É no lugar que se encontra a identidade de um povo, encontra-se a história do passado e as rotinas de um presente em que se produz o futuro.

É nítida a importância desse conceito nesse trabalho e mais ainda perceber que os alunos conseguiram absorver essa relação do conceito, o trabalho de campo e a história da cidade. O estímulo ao aluno questionar as situações concretas que vivenciam em seu cotidiano, estimulando-os a procurar respostas para os problemas e analisar a partir de então o seu dia a dia com um olhar crítico de quem é capaz de produzir o lugar em que vive, para que possa compreender melhor a sua realidade, ajudando a construir e reconstruir a realidade do mundo e transformando-se em um agente ativo do processo, se fez presente durante esse processo de ensino aprendizagem, tornando alcançados os objetivos propostos.

Conclui-se, portanto, que o objetivo desse trabalho é mais que despertar a consciência do aluno, é fazer com que tomemos consciência de modo geral, que o processo de ensino aprendizagem é inacabado, que o lugar não deve ser parado nas abordagens desenvolvidas aqui. O despertar no aluno de que o seu lugar foi construído ao longo de um processo histórico e deve continuar sendo construído por eles é o que de mais importante desenvolve-se nesse trabalho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Jonas. **A cidade de Marabá sob o impacto dos projetos governamentais**. São Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da FFLCH da USP. São Paulo: 2008.

BARROS, José D'Assunção. **História, espaço e tempo: interações necessárias**. *Varia hist.* [online]. 2006, vol.22, n.36, pp. 460-475.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. (Org) **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Medição, 2000.

CAVALCANTI, Lana. **A geografia escolar e a cidade: Ensaio sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia**. *Cad. CEDES* [online]. 2005, vol.25, n.66, pp. 185-207

CALLAI, Hellena Copetti. **O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento**. A questão social no novo milênio. In: VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. 2004, Coimbra-Portugal, Anais, Coimbra-Portugal: Universidade de Coimbra, 2004

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*. SEADE, v14, n. 2, 2000, p. 03-11

LOPES, Claudivan S.; PONTUSCHKA, Nídia N. **Estudo do meio: teoria e prática**. v. 18, n. 2, 2009.

LOPES, Danilo Eiji. **História dos estudos do meio:** Um estudo sobre as praticas extramuros da escola São Paulo. 2014. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MASSEY, Doreen. O Sentido Global do Lugar. In: **ARANTES**, Antônio A.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico.** 1ed. São Paulo: Contexto, 2008

NASCIMENTO, Lisângela Kati. **O lugar do lugar no ensino de Geografia:** Um estudo em escolas públicas do Vale do Ribeira- SP. São Paulo, 2012.

PEREIRA, Diamantino. **Paisagens, Lugares e Espaços:** a Geografia no Ensino Básico. Boletim Paulista de Geografia, edição nº 79, São Paulo: Xamã, 2003.

RIBEIRO, Rovaine. **As cidades médias e a reestruturação da rede urbana amazônica:** o caso de Marabá no sudeste paraense.2010.XX f. Dissertação (mestrado)_ Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo 2010.

ROCHA, Lurdes Bertol. **Fenomenologia, semiótica e Geografia da percepção:** Alternativas para analisar o espaço geográfico. Revista casa da Geografia em Sobral, Sobral, v. 4/5, p. 67-69, 2002/2003.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** 4° ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** S. Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.